

TENHA A **liberdade** DE CRIAR UMA CAPA!

Nº3 JULHO
ANUAL
€ 4.90

revista
dois





ABRIL 50 ANOS

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

**LIBERDADE
PARA ESTUDAR
LIBERDADE
PARA INVESTIGAR
LIBERDADE
PARA VIVER**

Liberdade na boca (e na mão) do povo



Quando, ainda no ano passado, nos lembrámos do tema genérico desta revista – a **liberdade** – pareceu-nos muito original.

Mas a palavra “**liberdade**” tem sido, ao longo de 2024 e por razões óbvias, muito glosada nas mais diversas perspetivas, em outras revistas, jornais, tertúlias, debates, séries de televisão e filmes, livros, peças de teatro, exposições, etc, etc.

E ainda bem que a **liberdade** anda, literalmente, na boca do povo!

Neste número 3 da DOIS, a **liberdade** e alguns dos múltiplos aspetos em que ela se desdobra são, assim, o tema genérico.

Desta vez, e procurando dar sempre uma visão regional, mas para lá das estritas fronteiras do nosso Algarve, a entrevista de fundo tem como interlocutor Diogo Infante. Até porque a sua atividade de ator e de encenador só pode florescer em pleno em **liberdade!**

Depois, fomos à procura de uma história de vida de alguém que tenha feito muito por esta **liberdade** que hoje temos (e a que alguns dão tão pouca importância, apenas porque sempre a tiveram...). E assim damos a conhecer a vida de Afonso Dias, outro algarvio de adoção, com uma boa história pessoal, no mundo da cultura e não só, para nos contar.

Fomos ainda saber como se vive a **liberdade** numa aldeia *sui generis* do interior algarvio, Barão de São João, que hoje muita gente conhece por causa do festival de caminhadas e artes que por lá acontece, mas onde os ares de **liberdade** se começaram a respirar ainda antes da Revolução dos Cravos, tendo sido, ao longo de décadas, palco de muita criatividade, utopia e luta.

E porque se trata de um tema na ordem do dia, para o bem e para o mal, fomos também tentar saber como é que diferentes religiões vivem a **liberdade** de culto que a Constituição Portuguesa garante. Será que ser judeu, muçulmano, católico ou evangélico é vivido da mesma forma? Como era antes do 25 de Abril de 1974? E agora? Somos um país tolerante para com a diferença ou nem por isso?

Desta vez, temos como cronistas convidados dois escritores – um, mais jovem e menos conhecido, o Eduardo Duarte, outro já consagrado até com o Prémio Leya, o José Carlos Barros. E do que falam eles? De **liberdade**, pois claro!

Pelo meio, como irão certamente reparar, há umas reminiscências dos tempos da censura prévia, para que não nos esqueçamos de como era difícil a **liberdade** de expressão, há apenas cinco curtas décadas.

E a nossa capa? Que maluquice nos deu?

Desta vez, não fomos procurar nenhum artista plástico consagrado, com ligações ao Algarve (como o Pedro Cabrita Reis, no nº1, ou o Alexandre Farto aka Vhils, no nº2). Desta vez, porque aqui na DOIS se respira **liberdade**, será cada um dos nossos leitores a desenhar a capa que mais lhe aprouver!

Tenha a **liberdade** de desenhar a sua capa!



ELISABETE RODRIGUES
DIRETORA

PROPRIETÁRIA/EDITORA

Página em Branco – Associação de Comunicadores e Jornalistas Independentes
Gulhim, Caixa Postal 45A
8005-489 Faro
geral@revistadois.pt
Tel.: 289 091 810
NIPC: 513315659

TITULARES DOS ÓRGÃOS SOCIAIS

Mesa da Assembleia-Geral

Presidente: Gonçalo Duarte Gomes
Vice-Presidente: Mariana Vilaça
Secretária: Margarida Santos
Secretário: Pedro Lemos

Direção

Presidente: Nuno Costa
Vice-Presidente: Hugo Rodrigues
Secretário-Geral: Pedro Duarte
Vogal-Tesoureiro: José Brito
Vogal: Maria Elisabete Baptista

Conselho Fiscal

Presidente: Filipe Bally Jorge
Secretária-relatora: Cristina Batista Rodrigues
Vogal: Mariana Carriço

revista
dois

DIRETORA

Elisabete Rodrigues

EDITOR

Pedro Lemos

TEXTOS

Hugo Rodrigues
Pedro Lemos
Mariana Carriço
Elisabete Rodrigues

FOTOGRAFIA

Nuno Costa
Mariana Vilaça
Beatriz Bento

CAPA

Ao sabor da criatividade de cada leitor

CRÓNICAS:

José Carlos Barros
Eduardo Duarte

EQUIPA DE DESIGN

LCPA Creative Agencies
Marta Borges (Layout e Paginação)
Patrícia Neto (Coordenação)

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Nuno J. Costa
Mariana Vilaça

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS COMERCIAIS

UAlg Tec Start
Campus de Gambelas, Pavilhão G15
8005-139 Faro

IMPRESSÃO

Jorge Fernandes Lda
Rua Quinta Conde de Mascarenhas,9
2820-653 Charneca da Caparica

DISTRIBUIÇÃO

Vasp MLP, Media Logistics Park,
Quinta do Grajal, Venda Seca
2739-511 Agualva-Cacém
Tel.: 214337000

PONTOS DE VENDA

contactcenter@vasp.pt
Tel.: 808206545

TIRAGEM

5000 exemplares

PERIODICIDADE

Anual

REGISTO NA ERC

127868

DEPÓSITO LEGAL

506288/22

ISSN

2975-8076

ESTATUTO EDITORIAL

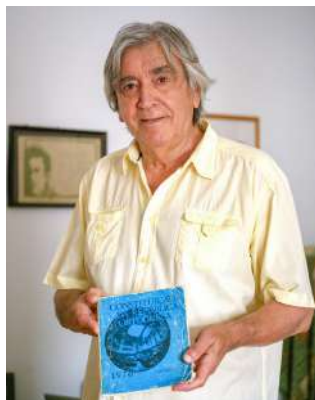
www.revistadois.pt

índice

6 GENTE
Entrevista
Diogo Infante



6-20



54-63

52 PALAVRA
Crónica
Liberdade,
que estais em nós

54 GENTE
Perfil
Afonso Dias



24-35

24 LIBERDADE
Reportagem
Eles estão
no meio de nós

36 PALAVRA
Crónica
As pessoas que
estão à volta

40 LIBERDADE
Reportagem
Um Barão que
respira liberdade



40-51

64 VIDA
Onde Comer
Na cozinha de Rui
Sequeira, os sonhos
não têm limite

70
94 VIDA
Onde comer
Onde ficar
Onde comprar
O que fazer

loulé

Aqui e Agora



visit-loule.pt





TEXTO:

HUGO RODRIGUES

FOTOGRAFIAS:
NUNO COSTA

A Vi(d)a de Infante: Do Algarve até ao sucesso

Não nasceu no Algarve, mas viveu muitos anos na região e garante ter alma algarvia.

Diogo Infante, que é hoje um dos mais reconhecidos atores portugueses, mas também um respeitado encenador e diretor artístico, descobriu a sua vocação quando era um adolescente e fazia a vida entre Vilamoura, onde vivia, e Loulé, onde estudava. Com 17 anos, foi no palco do Teatro Lethes, em Faro, que se estreou como ator e onde percebeu que era essa a vida que ia fazer. Nesta conversa com a revista DOIS, revela como foi crescer no Algarve, nos anos 80, mas também os seus atuais desafios e de temas bem mais pessoais.

Começo por perguntar, até porque também é uma curiosidade minha: o Diogo não nasceu no Algarve, mas cresceu no Algarve. Sente-se algarvio e identifica-se como tal?

Sim: eu diria que tenho alma algarvia. Passei a minha adolescência toda no Algarve e esse é um período da nossa vida muito importante porque é quando nós criamos muitas das nossas raízes, das nossas referências. Foi lá que comecei a fazer teatro, fiz amigos que ficaram para a vida e conheço muito bem a região - ainda por cima, fui guia turístico, formei-me na escola de hotelaria.

Portanto, tenho, com a terra, com as gentes e com a geografia uma ligação muito próxima. Fujo muitas vezes para o Algarve, seja para desanuviar, seja para ver o mar, seja para rever pessoas e locais. Parte de mim identifica-se muito com o Algarve, necessariamente.





Cresceu num Algarve muito diferente do de hoje, muito mais isolado, mais rural e também muito mais conservador. Qual é a sua ligação atual ao Algarve? Já me disse que é um refúgio, mas continua a ter família na região?

Não, mas tenho amigos. Já não tenho casa, porque a distância não ajudava à manutenção do espaço. Mas vou lá todos os anos, pelo menos uma ou duas vezes, e sinto-me sempre em casa, porque, como conheço bem, consigo fugir dos circuitos turísticos: consigo ir aos sítios e às praias que são menos concorridas e, às vezes, até são bastante mais interessantes.

Confesso que gosto mais do Sotavento, porque me dá mais espaço e as praias são mais longas, apesar de não terem arriba. Gosto também do barrocal e da serra. Eu tinha uma casa perto do Cerro de São Miguel. Gosto muito daquela zona ali, porque não está demasiadamente desenvolvida e explorada e dá-me espaço para sentir o verdadeiro Algarve, um Algarve mais genuíno e mais caloroso.

O tema geral da nossa revista é a Liberdade, até porque estamos a celebrar os 50 anos do 25 de Abril. Lembra-se do Algarve de antes do 25 de Abril? Tinha, julgo, seis anos quando se deu a Revolução?

Muito pouco. Eu só fui para o Algarve quando fui para o 2º ano do ciclo, na altura. Portanto, com 11 anos.

Fui para Loulé, para a Escola Secundária, e depois fiz o liceu todo. Só depois é que fui para Faro, para tirar um curso de guia de turismo.

Não tenho essa memória [do pré-25 de Abril], mas tenho memória de um Algarve, em alguns aspetos, pouco desenvolvido, ainda com uma grande ruralidade, sobretudo no interior.

Os acessos eram muito deficientes. Não havia a Via do Infante. A EN125, que já existia na altura, era o caos. Eram filas intermináveis, as estradas tinham buracos, acessos muito debilitados e, às vezes, havia uma certa resistência de alguma população do Algarve ao próprio turismo. Como se fosse uma invasão, como se isso os incomodasse.

Depois, houve uma grande revolução em termos de mentalidades e de costumes e hoje acho que caímos no extremo oposto. Há sítios onde já nem se fala português.



Houve muitas culturas que se apropriaram de zonas do Algarve e isso incomodava-me.

Incomodava-me ter de falar estrangeiro para ser servido, por exemplo. De repente, houve uma descaracterização e começámos a parecer Marbella [Espanha].

Para mim, houve uma grave ausência de ordenamento do território. Uma construção descontrolada, muitas vezes em altura, feia. Tenho pena de que não tenha havido mais visão no ordenamento do território e sobretudo em algumas práticas.



Mas é o que é! Foi a evolução rápida de um país atrasado e com vontade de recuperar uma economia, de recuperar hábitos que até então estavam vedados. E eu assisti, no final dos anos 70 e nos anos 80, a uma explosão do turismo, a uma explosão da construção e a uma explosão de oportunidades, sazonais, como sabemos. Há problemas que são endêmicos e que são estruturais no Algarve, que continuam por ser abordados e resolvidos, e empatizo muitíssimo com isso.

Até porque foi vindo de fora e, se calhar, era um choque cada vez que lá voltava, ver um Algarve diferente...

Sim, absolutamente. De fora e de dentro, porque sentia na pele as limitações e as dificuldades. O caso mais gritante é a questão da falta de água e a forma como o Algarve contribui para a economia nacional. E depois, de um ponto de vista das infraestruturas, até hoje não ter sido pensada uma solução que pudesse captar água, que pudesse

canalizar água. Aqui [em Lisboa] tem havido tanta chuva.

Esta seca extrema, crónica, é algo que me preocupa muito. Tenho um pouco de vergonha que o poder político não tenha tido capacidade de reação.

Aos 11 anos, foi para o Algarve, vindo de Lisboa. Foi um choque vir de um grande meio para um mais pequeno?

Foi um bocadinho. Eu era muito urbano. Lembro-me, na altura, que vir para Loulé... não era ali propriamente na costa e o Loulé de então era bastante mais pequeno e até um bocadinho...

Rural?

Sim, era, era.

O choque mais evidente foi a própria língua, o sotaque. Lembro-me de ser muito gozado por ter uma sonoridade lisboeta. Eles tinham um sotaque algarvio muito cerrado e muitas vezes não percebia. Claro, demorei para aí um mês ou dois a ganhar aqueles códigos. Esse foi um choque.

Mas depois, na essência, as pessoas são generosas, são hospitaleiras, fiz amigos de vários pontos do Algarve. O facto de estar ali numa escola, diariamente - e eu vivia em Vilamoura, tinha de andar três quilómetros a pé até Quarteira para apanhar o autocarro, para depois ir para Loulé. Era sempre uma aventura no autocarro.

E, depois, a Escola Secundária de Loulé, na altura, tinha pavilhões que eram meio provisórios. Lembro-me de que éramos cerca de dois mil alunos numa escola, obviamente sobrelotada.

Mas não houve grandes problemas. Claro que andei à porrada, fiz as minhas maluquices, mas senti-me sempre muito bem, sempre em casa. Tive bons professores. Eu fiz a escola pública toda e foi lá que adquiri uma grande parte da minha formação que persiste em mim e me trouxe até aqui.

Mas sentia que era um Algarve muito mais preconceituoso do que a Lisboa de então?

Necessariamente. Porque, para já, os autóctones do Algarve, tirando aqueles que estavam a trabalhar diretamente no turismo, tinham uma vida muito mais recatada, mas também com pouca oferta cultural.

Havia alguns grupos de teatro amador, mas eu lembro-me de ver poucos concertos, poucos espetáculos. Tudo era muito, muito pouco. Quando acontecia alguma coisa, lá ia o pessoal. Mas, para nos deslocarmos, se tínhamos de ir a qualquer coisa em Portimão, em Lagos ou em Faro, tudo isso implicava custos e uma logística complicada.

A partir do momento em que foi para a Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve,

PUBLICIDADE

timing
recursos humanos

**○ RECRUTAMENTO
É NOSSO MAS A
DECISÃO É SUA**

- Hotelaria • Construção
- Indústria • Administrativos
- Retalho • Serviços

www.timing.pt

CONHEÇA-NOS!
FAÇA SCAN

se calhar, já começou a ter outra ligação com Faro, onde havia já o Círculo Cultural do Algarve, o Grupo Teatro Lethes...

Sim. Foi precisamente no Grupo Teatro Lethes que eu me estreei, no teatro amador, aos 17 anos.

Fui apresentado ao Cabecinha e ao Milo [Emílio Campos Coroa], que era o diretor da companhia, e eles precisavam de um jovem ator para fazer uma peça e foi assim que eu comecei a trabalhar com eles. Conheci aquele grupo incrível e fantástico, que me marcou muitíssimo, de tal forma que depois decidi seguir uma via profissional, contrariando até um bocadinho aquilo que estava a ser o meu percurso no turismo.

Mas eu senti ali, em Faro, que queria muito ser ator.

Como é que se desperta essa paixão pelo teatro? Quando é que sente pela primeira vez essa vontade de ser ator?

Eu sempre me senti atraído pelas artes. Em miúdo, ficava fascinado quando via musicais e filmes desse espectro. Gostava de cantar e de dançar. Portanto, eu já tinha uma apetência inata para esses códigos, essas linguagens.

Claro que nada disso estava a ser estimulado, porque era basicamente o que eu via na televisão. Para aí aos 15 anos, eu disse à minha mãe: “acho que gostava de ser ator”. E ela olhou assim para mim, sorrindo, como quem diz: “estás lixado!”. Ainda por cima, aqui no Algarve, como é que uma pessoa vai fazer vida disto?

E pronto, aos 17, lá tive contacto com o teatro amador, com o Grupo de Teatro Lethes. E foi assim que eu me estreei. E aí percebi: “isto é mesmo giro, isto faz-me mesmo sentir coisas. Sinto-me diferente. Sinto-me forte”.

Além disso, a reação foi muito boa na estreia no Teatro Lethes. Apesar de ser um teatro pequenino, metade da sala estava por minha conta, entre amigos, familiares e afins.

Naquele momento, tive uma epifania; tive a convicção de que era aquilo que eu queria fazer para sempre.

Eu sabia que no Algarve não teria possibilidade de me profissionalizar, pelo menos à época. Então, decidi vir para Lisboa, onde as coisas acabaram por correr muito bem.

Mas nunca me esqueci das minhas origens teatrais; nunca me esqueci daquele grupo que tanto me ensinou, que me acolheu e que me deu a oportunidade de perceber em mim o impacto que fazer teatro representava.

Estou-lhes muito agradecido por terem aberto essa porta. E pronto, o desafio foi ganhar coragem para perseguir





um sonho, sabendo que ele podia facilmente não se materializar.

Quanto tempo é que ficou ainda ligado ao grupo Teatro Lethes?

Estive com eles três, quatro anos. Foi mais ou menos o mesmo período que estive no turismo porque foram caminhos paralelos.

Mantive-me em contacto com o Teatro Lethes, com as pessoas, pontualmente. Voltei lá, anos mais tarde, para interpretar a Ode Marítima naquele palco, o que foi uma experiência incrível.

Eles vieram e foram muito queridos. Volta e meia vêm assistir aos espetáculos que eu faço quando vou ao Teatro das Figuras, o que também já não acontece há algum tempo. Mas sim, mantenho-me em contacto e isso é muito agradável.

Quando foi para Lisboa, a sua carreira foi muito rápida. Começou a trabalhar quando ainda estava no Conservatório e houve ali uma sucessão de trabalhos como ator, até como encenador. É caso para dizer que não gosta de estar parado.

Eu percebi rapidamente que tinha de aproveitar as oportunidades. E felizmente as coisas foram correndo bem. Depois de uma peça, vem um filme, depois de um filme vem outro e tu vais aproveitando.

Por um lado, precisava de ganhar dinheiro e precisava de sobreviver. Eu tinha dado a mim próprio um prazo mais ou menos de cinco anos para perceber se conseguia sobreviver neste meio.

Por outro lado, queria saber se tinha talento. Eu achava que sim, as pessoas lá em baixo tinham dito que sim, mas num meio profissional e mais competitivo, eu sabia lá! Também podia não conseguir ganhar o suficiente para me sustentar. Disse a mim próprio: “Ok, tens cinco anos para ver se isto funciona”.

Felizmente, passado pouco tempo, um ano e tal, eu já estava a trabalhar consecutivamente.

Aliás, estive muitos anos sem parar, até que, a certa altura, percebi que tinha de abrandar um pouco para refletir sobre o que estava a fazer e sobre quem era e para onde é que eu queria ir.

No fundo, queria ter alguma sensação de controlo sobre os acontecimentos. A necessidade de começar a encenar parte exatamente disso: de eu ter vontade de expressar uma voz, uma voz artística, uma maneira de abordar os objetos artísticos.

Curiosamente, foi neste teatro [da Trindade] que eu me estreei como encenador, na sala de estúdio, sem sonhar que, 30 anos mais tarde, estaria aqui já na qualidade de diretor artístico.

Nesse período inicial, quais foram os projetos que mais o marcaram?

É difícil eleger porque houve vários projetos que me catapultaram para outros ou que me deram a oportunidade de trabalhar com pessoas incríveis. E, portanto, em cada um deles, eu optei sempre por reter o mais importante e o mais positivo.

Houve experiências menos felizes, é evidente. Houve coisas que não me correram bem. Mas mesmo essas foram importantes para eu me pôr em causa, para eu tentar fazer melhor, para eu perceber que ainda havia um longo caminho a percorrer.

Eu diria que, em televisão, o projeto mais relevante terá sido a “Banqueira do Povo”. Foi uma novela muito especial,

feita com um elenco incrível, onde tive a oportunidade de contracenar diretamente com a Eunice Muñoz e não só testemunhar o seu brutal talento, como aprender com o que ela fazia.

E daí nasceu também uma amizade. Mas esse projeto foi muito importante porque me deu visibilidade. A partir desse momento, eu tornei-me uma figura pública.

No início, as pessoas chamavam-me Álvaro, que era o nome da personagem – “Olhó Álvaro!”. Mas eu, a partir daí, passei a estar sob o olhar público e nunca mais me livre. Tinha 24 anos e esse foi um marco.

Do ponto de vista teatral, [foi outro marco] quando fiz os “Espectros”, de Ibsen, em que contracenei com a Carmen Dolores, outra pessoa determinante na minha vida. Está aqui o nome dela [aponta para um espelho atrás de si, no Salão do Teatro da Trindade]. Eu batizei a sala, fiz-lhe uma homenagem e um espetáculo, felizmente, enquanto ela ainda estava viva. Batizámos a sala principal do Trindade com o nome Carmen Dolores.

É alguém com quem trabalhei ao longo da vida. E são pessoas que me marcaram, porque me ajudaram a moldar quem sou como pessoa, como homem e como artista. E isso tem um valor muito grande.

Depois, sei lá... houve um espetáculo que fiz há uns 30 e poucos anos, que se chamava “Sexo, Drogas e Rock and Roll”.

Foi um monólogo e, na altura, eu sentia que precisava de me desafiar, de quebrar um bocadinho com o estereótipo do menino bonito ou do galã, simpático e bom rapaz a que me estavam a colar as personagens que me davam - aquela coisa do *type casting*. Eu queria rasgar um bocadinho com isso: então fiz um espetáculo sobre Sexo, Drogas e Rock and Roll, sozinho, onde eu fazia sete personagens.

E foi um espetáculo que teve um enorme sucesso. Eu andei dois anos, fiz 220 representações, mais de 60 mil espectadores. Foi muito desafiante. Fez-me crescer.

A partir desse momento, sentiu que o passaram a ver com outros olhos, no mundo do espetáculo?

Acho que sim. Por um lado, a partir do momento em que granjeias algum tipo de reconhecimento e mérito, passas a ter uma palavra a dizer. E eu lembro-me de, por exemplo, ter sido escolhido para fazer um filme do Leonel Vieira, que



se chamava “A Sombra dos Abutres”, onde ele me propôs fazer o galã do filme. E eu disse: “Eh pá, eu gostava mesmo era de fazer o outro papel”, que era um papel de um homem marcado, meio atrasado e era um trabalho de composição.

E ele disse: “Tu? Esse?”. E eu: “Eh pá, esse para mim é que era giro”. E ele confiou e deu-me o papel.

É uma das personagens de cinema que guardo com mais carinho. Foi um trabalho que, ainda por cima, me fez ganhar um prémio internacional do Festival de Cinema de Gramado.

Portanto, eu fui também tendo a possibilidade de fazer escolhas. E esse é um luxo, poder dizer “não, não quero isto, eu quero antes aquilo”. Também fui lutando por essas oportunidades. E as pessoas também foram reconhecendo esse espaço.

Até que eu deixei de ser só um jovem galã para passar a ser um ator. Um ator com várias valências e com várias capacidades. E era isso que eu desejava.

Hoje, olho para a minha carreira, com muitas facetas e vertentes, e isso deixa-me muito feliz porque me deu um espaço de manobra e de crescimento onde eu pude explorar várias facetas que, de facto, tinha em mim.

Eu nunca me contentei em ser só ator. Eu sempre achei que tinha opiniões e que tinha visões sobre as coisas e hoje tenho a possibilidade e o espaço para as poder pôr em prática.

Neste momento, e desde há 15 anos, trabalha como diretor artístico, primeiro no Maria Matos, depois no Teatro Dona Maria II e agora aqui, no Teatro da Trindade, já desde 2017. Referiu antes que queria ter uma voz. Esta é uma forma de deixar uma marca no mundo do teatro português?

Bom, não é uma intenção. Nunca foi um propósito, em si, deixar uma marca. Mas com certeza que queria mostrar a minha voz.

Eu tenho pouco respeito pelas pessoas que falam, falam, falam, mas não fazem nada, aquela coisa chamada – e desculpem lá - “cagar sentenças”. Façam! Proponham!

É como as pessoas que nunca estão no Governo. Estão sempre a emitir opiniões, mas, na hora de se chegarem à frente e fazer coisas, cortam-se. Porque é mais fácil, efetivamente, ser um crítico, é mais fácil ser um comentador, é mais fácil ser um ator passivo da realidade, seja ela qual for, do que propriamente um interveniente.

Comecei cedo a desenvolver o meu trabalho como produtor, como encenador, os meus próprios projetos, a ir à luta. Ou seja, no fundo, mexer-me para não ficar dependente só das ofertas que me aparecessem.

Quando surgiu o convite para a primeira Direção



Albufeira

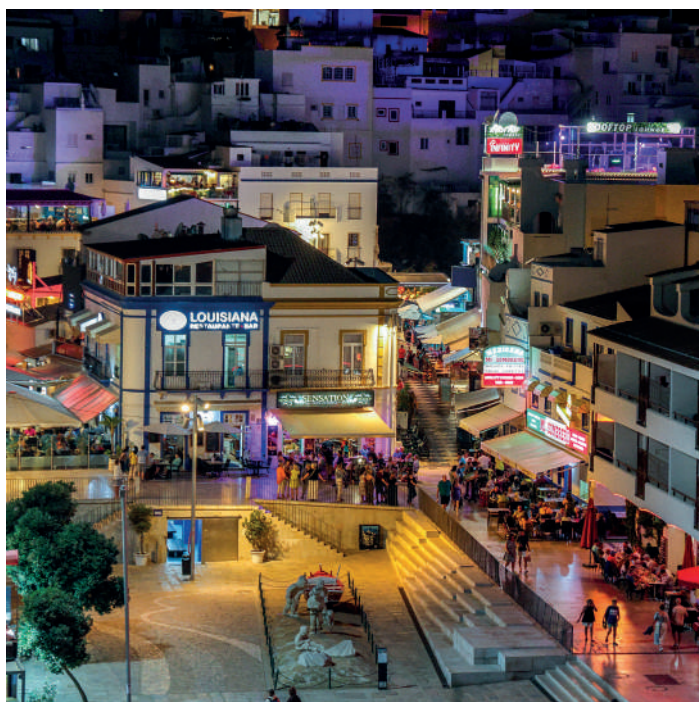
Todo o Ano

29°C

VERÃO & INVERNO

18°C

www.cm-albufeira.pt





Artística do Maria Matos foi pela mão de Maria Manuel Pinto Barbosa, que era a vereadora da Cultura da Câmara de Lisboa, à época. O teatro estava a sofrer uma grande remodelação arquitetónica e havia todo um novo projeto que queria ser desenvolvido.

E ela achou que eu representava uma nova geração de atores, de encenadores, e que poderia ter uma visão contributiva nesse sentido.

O convite apanhou-me de surpresa. Eu nunca tinha tido a ambição de ser diretor artístico num teatro, nem sequer ter uma companhia, isso nunca me passou pela cabeça. Fiquei lisonjeado, mas também fiquei meio... havia um lado institucional associado às estruturas de produção que me aborrecia.

E eu disse: deve ser uma chatice ter de lidar com os políticos. E toda a gente opina.

Mas depois pensei: eu tenho aqui uma oportunidade de marcar uma diferença ou, pelo menos, de concretizar coisas e provar que é possível fazer determinadas coisas em que eu realmente acredito.

Aceitei e acho que foi a melhor decisão que fiz profissionalmente porque, muitas vezes, olho para trás, em retrospectiva, e daquilo que mais me orgulho, curiosamente, não é tanto o meu trabalho como ator ou encenador, é efetivamente o trabalho que pude desenvolver como diretor artístico nestas três estruturas.

Porque eu não estou só a trabalhar para mim; estou a trabalhar para o meio artístico, criando e gerando desafios e oportunidades para que novos encenadores, novos dramaturgos e novos atores possam mostrar o seu trabalho. Vai muito para além de mim.

Ser um instrumento e ter uma plataforma onde eu possa fomentar isso, com critério, rigor e qualidade é algo de que me orgulho.

Mas também, e talvez até mais importante, é criar, formar e educar novos públicos e fidelizá-los. E esse tem sido um trabalho de que me orgulho muitíssimo, porque em todas as estruturas onde estive houve sempre um fluxo significativo de aumento de público, de assiduidade, de fidelização. E tudo isso sem escorregar na casca da banana, sem fazer concessões, sem ir pelo caminho mais fácil.

Eu não tenho nada absolutamente contra o teatro comercial. Aliás, eu acho que aquilo que faço é um teatro comercial porque é um teatro que tem de vender. Nós vivemos da receita, mas é possível fazer um teatro comercial, chamado *mainstream*, com qualidade. E a adesão que o público tem tido, nomeadamente ao Trindade, nos últimos anos... Bom, todos os anos temos conseguido superar as nossas próprias

taxas de ocupação. Mas, mais importante do que as taxas e os números, conseguimos custear o investimento que fazemos em produção.

Portanto, o teatro pode ser rentável e pode ser bom: ter qualidade. E hoje acho que conseguimos reunir uma espécie de consenso no reconhecimento, quer pelo meio artístico, mas sobretudo pelo público. Muitas vezes as pessoas vêm aqui e dizem: “Eu nem sei bem ao que venho, mas sei que é no Trindade e que é bom de certeza”. E isso deixa-me recheado de orgulho.

O Diogo sempre falou abertamente, pelo menos nas entrevistas que eu li, da sua vida pessoal, do seu casamento com o Rui e do seu filho Filipe. Sendo uma figura pública, essa honestidade alguma vez lhe trouxe dissabores? Alguma vez sentiu que, quando começou a falar mais desses assuntos, houve algum preconceito da parte das pessoas com quem se cruzava na rua?

Deixa-me só fazer um reparo: eu não falo abertamente. Eu assumi, obviamente, o meu casamento, e tudo isso, que são questões basilares da minha vida, portanto não havia como escondê-las ou mantê-las de fora.

Eu falo genericamente sobre estas questões porque acho mesmo importante, nos tempos que correm, pessoas e figuras como eu poderem dar esse exemplo.

É evidente que há sempre danos colaterais. Há sempre pessoas que se desiludem porque tinham uma expectativa diferente, seja porque era uma ideia romântica do galã que podia, um dia, casar-se com ela ou simplesmente porque eu deixei de corresponder a um padrão.

Mas, devo dizer, respondendo à tua pergunta, que as reações que tive são incomparavelmente mais positivas do que negativas. Diria mesmo - se calhar tive muita sorte -, que os comentários de ódio e as bocas são uma ínfima parte. É algo residual.

99% dos comentários que recebo das pessoas que me seguem e que me acompanham são de elogio, de reconhecimento e de agradecimento.

Tive muita gente a dizer: obrigado pela coragem, obrigado pela inspiração. É evidente que ter tido um filho ajudou-me a ser mais frontal e, sobretudo, a ser mais corajoso. Porque eu não posso transmitir esses valores ao meu filho se eu próprio não os praticar.

Foi nesse momento também que decidiu falar mais sobre esses temas?

Não tinha outra saída. Como é que eu posso educar uma criança a aceitar as suas próprias diferenças se eu próprio vivo escondido das minhas?

Eu procurei sempre durante o meu caminho não mentir. Tanto que, durante muitos anos, eu não falava sobre o assunto. Nunca mentia, mas desviava-me. Nunca disse que era casado ou que tinha namoradas. Eu simplesmente dizia que não gostava de falar sobre a minha vida privada. E continuo a não gostar.

Para as *personas* públicas, eu acho que é muito importante salvaguardar uma zona privada, porque há coisas que não interessam nada e, sobretudo, porque eu quero poder continuar a admirar um ator, um artista ou o que for, independentemente dos trâmites da sua vida doméstica.

Agora, este tipo de exemplos ou este tipo de discurso, acho que ele deve existir.

Durante muitos anos, havia pessoas que achavam que eu tinha que publicamente assumir e eu achava que não. Eu assumi quando quis, quando entendi que foi necessário e importante para mim.

Há muitas pessoas que poderiam fazer o mesmo, mas se calhar estão à espera do seu momento. O que é certo é que é

um tema que se debate muito mais abertamente. É verdade que também, proporcionalmente, há manifestações de ódio. Mas se nós não enfrentarmos os tabus, acho que só os potenciamos. Falar deles, desconstruí-los, desmistificá-los, acho que é saudável e é o meu contributo, à minha escala, para um mundo evoluído e para uma sociedade portuguesa mais tolerante e mais aberta.

Em 2011, o Diogo adotou o seu filho, então com nove anos. Quando é que decidiu que queria adotar uma criança? Como é que foi esse processo? Foi uma ideia maturada durante muito tempo?

Ele não tinha nove: tinha oito. Ele veio lá para casa no dia em que fez oito anos.

A certa altura, lembro-me de pensar que gostava de ser pai. Bom, eu acho que sempre quis ser pai, por um lado porque não tive um pai presente, depois porque a ideia de exercer a paternidade era algo que eu sentia que me faria bem. Queria ter essa responsabilidade.

Comecei então a pensar nas várias possibilidades, nas várias vias que estavam à minha disposição. Hoje, algumas já são lugares-comuns ou pelo menos já são mais facilitadas, mas, depois de ponderar, achei que a adoção era a melhor solução.



Isto porque eu podia conciliar dois aspetos muito importantes: o desejo de ser pai e, ao mesmo tempo, ajudar uma criança necessitada.

E essa vertente teve muito peso. Na altura, não fazia ideia quanto tempo demoraria, porque toda a gente dizia que a adoção era um processo muito lento e complicado.

Então, eu fui à Segurança Social, inscrevi-me e fiz todo um processo de seleção como qualquer candidato, seja ele individual ou um casal. Passados seis meses, fui considerado apto.

Com base num parecer técnico e numa avaliação, vais para uma bolsa de adotantes e eles vão cruzar isso com as crianças adotáveis. E esse processo às vezes é muito lento, porque há candidatos a adotar que querem crianças muito pequeninas, bebés, com características específicas, brancas... enfim, com muitas exigências.

Porque eu queria uma criança e sabia que nunca me dariam um bebé, eu puxo como bitola entre os três e os seis anos. A raça e etnia eram-me indiferentes, a cor era-me indiferente, o sexo era indiferente. Eu acho que esta disponibilidade para receber um leque mais alargado de possibilidades também me facilitou.

Mas, como eu ainda assim não sabia quão rápido seria o processo, comecei a meter os papéis para a adoção internacional, simultaneamente, pensando que se calhar teria de ir buscar uma criança lá fora, a um país que tenha uma política de adoção similar e compatível com a nossa.

Na altura, pensei até em Cabo Verde. Quando estava entretido com isto, passado curiosamente nove meses do processo ter iniciado - o período de uma gestação -, é quando eu recebo o telefonema dizer que tinha uma criança para mim, curiosamente, com origens também em Cabo Verde.

E pronto, foi o início de uma história muito bonita. O meu filho hoje tem 21 anos, é um jovem, acho eu, muito equilibrado, muito bonito, muito feliz e eu fico duplamente feliz de poder proporcionar instrumentos e mecanismos para que ele se possa exercer plenamente como pessoa, como cidadão. E eu estou lá para ele. Agora, está a acabar a sua licenciatura e vai fazer o mestrado. Vai fazer o seu percurso normal de vida e eu fico a assistir cada vez um bocadinho mais distante, porque ele vai ganhando asas. Mas o amor não passa, a preocupação não passa e a responsabilidade também não.

Já vi que é pai babado...

Sou! Sou mesmo!

Qual é que é o seu local favorito no Algarve? Já me disse que prefere o Sotavento...

Ui, não posso contar! (risos) Posso, posso. Já disse que tive uma casa perto de Estoi. Gosto muito da Fuzeta, gosto muito de Cacela Velha e da Fábrica, embora aquilo já esteja tudo muito destruído. É uma pena porque eu lembro-me, quando era miúdo, que as dunas criavam ali uma barreira natural e era absolutamente o paraíso.

Mas gosto muito da Fuzeta, de apanhar os barquinhos e de ir para aqueles ilhéus que se formam, de toda a zona da Ria Formosa. É absolutamente incrível.

Mas também vou à Ilha de Faro. Tenho amigos lá e gosto de comer as amêijoas e os camarões com muito alho. Gosto de ir ao Ludo, que é uma coisa que poucas pessoas conhecem. A partir de Vilamoura, Albufeira, não é que não seja muito bonito - a zona de Porches, toda aquela zona costeira com aquelas formações rochosas que são incríveis -, mas está tão massificado e há tanta gente que eu sinto um bocadinho de agorafobia.

E vê-se um dia a voltar para o Algarve, para viver?

Eu vejo! O meu marido, que é algarvio, diz que não, que nem pensar, que eu sou maluco, que é muito quente.

Eu pensava em manter lá uma casinha para a minha velhice, mas mesmo que não tenha um poiso fixo, irei lá com certeza, porque tenho sempre muito boas memórias e venho de lá sempre muito feliz e renascido.

OIÇA A ENTREVISTA COMPLETA,

no podcast que pode descarregar usando este QR Code





[DENGUN]

STARTUP STUDIO & DIGITAL AGENCY



brand

marketing

digital

strategy



development

website

UI/UX



app

Let's boost your Digital Presence!

dengun.com

VERÃO EM FARO

14 DE JUNHO A 7 DE SETEMBRO

NO JARDIM

RODA GIGANTE
STREET FOOD
ANIMAÇÃO
FARO. SOMOS TODOS.
PRÉMIOS, RASPADINHAS, E MUITO MAIS.

FAN ZONE

14 JUN - 14 JUL UEFA 2024 EM DIRETO

14, 29 JUN | 5, 12 JUL RODA DE SAMBA

15, 18, 22, 26 JUN | 6, 14 JUL

DJs: ZOON, NUNO SILVA - RUA 8o,
DADDY COOL, CHIC_O

SORTEIOS FARO. SOMOS TODOS.

31 JUL 5.000€ + PRÉMIOS SURPRESA

14 AGO 5.000€ + SCOOTER

7 SET 10.000€ + CARRO

TAMBÉM EM FARO

5 - 6 JUL AÇOTEIA (FARO ROOFTOP FESTIVAL)

18 - 21 JUL 42ª CONCENTRAÇÃO MOTARD DE FARO

25 JUL - 4 AGO FESTA DA RIA FORMOSA

18 - 24 AGO FESTIVAL FOLKFARO

5 - 7 SET FESTIVAL F

SOLSTÍCIO DE VERÃO

21 JUN RFM TIME MACHINE

22 JUN EXPENSIVE SOUL, DJ TOBY ONE

NA DOCA

9 AGO QUINTA DO BILL

10 AGO TURB'Ó BAILE

17 AGO THE BLACK MAMBA

18 AGO THE LUCKY DUCKIES

NA SÉ

14 AGO DIÁLOGOS MUSICAIS:
JÚLIO RESENDE E JORGE PALMA

15 AGO NA CASA DE AMÁLIA EM DIRETO
PROGRAMA RTP

NO CORETO

MÚSICA NO CORETO

2 - 3 AGO | 30 - 31 AGO

FESTIVAL DE FADOS DE FARO (3ª EDIÇÃO)

SAIBA TUDO AQUI

VERAOEMFARO.PT
FAROSOMOSTODOS.PT
f @ j /AGENDAFARO



5 — 7 SETEMBRO 2024 | FARO

Festival F

VIVE O ÚLTIMO GRANDE
FESTIVAL DE VERÃO

Sabe mais em festivalf.pt



TEXTO:
PEDRO LEMOS

Eles estão no meio de nós

Houve um tempo, não muito longe, em que era a religião quem mais ordenava. Mas apenas uma, ancorada num regime que a protegia, a suportava e a promovia. Houve um tempo, não muito longe, em que até se podia ser judeu, muçulmano ou evangélico desde que houvesse o devido recato. Havia "liberdade", assim entre aspas.



FOTOGRAFIA:
NUNO COSTA

Houve um tempo, não muito longe, em que, por se ser diferente, se foi preso e alvo de muitos preconceitos. E hoje? Que tempo vivemos?

Ao início da manhã de uma sexta-feira, aquela é uma das ruas mais movimentadas de Albufeira. Há carros a subir e a descer a estrada, cafés com pessoas, lojas de porta aberta.

O sítio que procuramos passa despercebido no meio da azáfama e "esconde-se" já quase no final, quando uma placa anuncia: «Comunidade Judaica do Algarve», num placard a cores vivas.

É ali a Sinagoga de Albufeira, espaço de culto de cerca de uma centena de judeus (o número é flutuante). Mas também restaurante e local onde se pode comprar produtos *kosher* que seguem todos os preceitos da religião.

É sexta-feira, dia de preparação do *Shabbat* (sábado, dia de descanso para os judeus) e a mesa já está posta. Dentro da sinagoga, o espaço está bem dividido: de um lado, estão as mesas, como num qualquer restaurante; do outro, duas Torás sefarditas, livro sagrado dos judeus, e uma série de outros símbolos da religião.

Cláudia Sil, vice-presidente da Comunidade Judaica do Algarve, nem gosta muito da designação. «Eu não vejo o judaísmo como uma religião. A palavra religião vem de religar a Deus e isso não faz parte do judaísmo porque é intrínseco», comenta com a reportagem da revista DOIS.

A história da aproximação desta bracarense ao mundo judaico merece ser contada. De certa forma, começa e termina em casa. Em primeiro lugar, com a «liberdade» que os pais lhe ensinaram.

«Isso já indiciava uma diferença. Como vinha de uma cidade católica como Braga, fartei-me de ser apontada como diferente», recorda, entre risos.



▲ Fotografia: Nuno Costa

Em segundo, com as vidas de antepassados que foi descobrindo. «Há uma influência familiar, com coisas que soube, de familiares meus perseguidos e detidos pela Inquisição por serem judeus», acrescenta.

Durante anos, Cláudia Sil frequentou a histórica comunidade de Belmonte, no distrito de Castelo Branco, onde há inclusive um Museu Judaico, o primeiro do género em Portugal.

Quando se radicou no Algarve, procurou e descobriu esta comunidade judaica que, apesar de só ter sido formalizada em Janeiro de 2022, já existia bem antes, com nomes históricos como Ralf Pinto.

Aliás, a presença de judeus no Sul de Portugal é secular, como a própria Cláudia Sil faz questão de realçar, secundando-se do livro "Os Judeus do Algarve e o Holocausto",

da investigadora Maria João Raminhos Duarte, que se levanta, a meio da entrevista, para ir buscar.

Também foi no Algarve, em Faro, que foi impresso o primeiro livro em Portugal, curiosamente não em português, mas em hebraico, porque se tratava de uma Torá (Pentateuco), por um judeu, Samuel Gacon, em 1487.

Mas a história dos judeus em Portugal está longe de ser linear: no período do Estado Novo, recorda Cláudia Sil, havia uma «tolerância que era, ao mesmo tempo, uma vigilância».

«Não são conhecidas grandes perseguições, mas há detenções de judeus pela PVDE - Polícia de Vigilância e Defesa do Estado. Nos registos, estão prisões de judeus de Faro, da família Sequerra», conta.

Hoje, Cláudia Sil reconhece, de sorriso no rosto, que

ser-se judia, em Portugal, é «muito curioso».

«E porquê? Quando alguém diz que é judeu, não raramente alguém responde: gosto muito de vocês, também tinha alguém na família que era. Há uma ligação grande à ascendência judaica e as pessoas dizem isso com orgulho. Ora, isso não existe e é muito raro. As pessoas ficam maravilhadas», diz.

Apesar desta convivência sã, nem tudo é um mar de rosas. Já em final de conversa, Cláudia Sil aponta para a entrada para contar uma história de vandalismo recente.

«Com a questão da Palestina, tivemos alguns ataques nas redes sociais, coisas aqui na Sinagoga... Tivemos de chamar a polícia, mas foi desinformação acima de tudo. Não acho que isto venha do povo: são políticos e confusões residuais», considera.

E não é caso único.

Entrar na Mesquita de Faro, na zona do Bom João, é transportar-nos automaticamente para outra realidade. O espaço também passa despercebido: esta mesquita é, na verdade, uma loja de um prédio, arrendada à Comunidade

Muçulmana para ali poder rezar.

À entrada, há um amontado de sapatos: aos muçulmanos, não é permitido entrar calçados em qualquer mesquita. Há um barulho constante de água a correr, num lava pés, usado antes do início de qualquer oração.

Nas paredes, veem-se quadros com versículos escritos em árabe e um grande relógio anuncia as horas dos vários momentos de oração ao longo do dia (Al Fajr e Magrihb são dois, por exemplo).


A intolerância religiosa passou por ali não há muito tempo, com frases escritas à entrada como "vão para a vossa terra".

Ossama Solayman tem um português quase perfeito e recebe-nos com um cumprimento demorado.

«Cheguei a Portugal em Novembro de 1998. Costumo dizer que vim cá parar por questões do coração. Casei com uma portuguesa, que conheci no Egito, e decidi emigrar», conta à reportagem da DOIS.

A conversa decorre no chão da mesquita, os dois sentados, entrevistado e entrevistador, até que um forte barulho

PUBLICIDADE



DIAS
MEDIÉVAIS

25
ANOS

DIAS
MEDIÉVAIS
CASTRO MARIM
21 A 25
AGOSTO



PUBLICIDADE



emarp

Nunca
deixe água
a correr

Reduza
o consumo

#asecacontinua emarp.pt





▲ Fotografia: Pedro Lemos

a interrompe; das colunas da Mesquita começa a entoar um ruído *Allahu Akbar*.

«Desculpe, Pedro, vamos ter de parar um pouco».

Desculpas aceites, cerca de 20 homens começam uma oração que não durará mais de 15 minutos, comandada pelo imã Omar. A presença de um jornalista não passa despercebida: a dado momento, um homem de meia idade espanta-se ao ver alguém desconhecido.

«*Why are you standing* (Por que é que estás de pé)?», pergunta. A resposta «*I'm a journalist* (sou jornalista)» arranca um sorriso simpático da cara deste muçulmano que logo se junta aos restantes para orar.

A desconfiança inicial poderá estar, em parte, relacionada com acontecimentos recentes na Mesquita. Ossama retoma a conversa, após o fim da oração, contando um caso ainda bem vivo na memória.

«Apedrejaram-nos a mesquita, após as Eleições Legislativas. Escreveram aqui umas frases, com insultos, mas decidi que não devíamos apresentar queixa porque foi um ato isolado de uma pessoa só», diz.

É que este egípcio, que é também o líder da Comunidade Muçulmana no Algarve, não tem dúvidas em afirmar que

Portugal é «um país pacífico».

«Em Portugal, os problemas que estamos a encontrar são praticamente nulos: estamos a senti-los porque é uma coisa nova para nós, mas, quando olhamos para fora, percebemos que não temos problemas nenhuns. Quando falamos com outras comunidades, eles até se riem de nós», diz Ossama.

O número de muçulmanos no Algarve tem aumentado de ano para ano, o que faz com que até haja a ideia de construir uma mesquita, de raiz, na capital algarvia.

No total, em todo o Algarve, serão cerca de 4 mil, mas o número é «flutuante». Vêm essencialmente de Marrocos, da Argélia, do Senegal e do Egito, à procura de trabalho - e de melhores condições de vida.

Desde 2001 que a Mesquita de Faro funciona naquele espaço. Foi a primeira do género na região, mas hoje há espaços idênticos em várias localidades, como Olhão, Portimão, Tavira, Vila Real de Santo António, Quarteira, Albufeira, Armação de Pêra, Lagoa e Silves.

«Quando eu cá cheguei, em 1998, não havia nada: rezávamos em casa. O culto era individual, apesar de termos uma presença histórica no Algarve», diz Ossama Solayman.

O líder da Comunidade Muçulmana aproveita a deixa

para falar de um «erro histórico» que o Ocidente - e Portugal em particular - cometeu.

«Tudo foi transformado. Por exemplo: as igrejas que foram mesquitas deixaram de ter qualquer inscrição árabe. Quando chegamos aos nossos impérios, ex-colónias, e encontramos algo que os nossos bisavós fizeram... custa ao português ver que "partiram" aquilo. É o mesmo que nós, muçulmanos, sentimos», atira.

O sentimento não abala, porém, a tolerância que Ossa- ma faz questão sempre de realçar que sente em Portugal. E puxa do exemplo pessoal: durante anos, trabalhou em Vale do Lobo, na área da hotelaria (hoje é diretor comercial executivo na empresa Carob World).

«Em Vale do Lobo, eu usava o meu tapete e rezava durante o trabalho. Eles iam fumar, eu ia rezar», conta, a rir.

E logo outra história pessoal lhe vem à memória: «quando cheguei ao Algarve, olhava para a pessoas e achava que todos eram árabes porque tínhamos as mesmas feições». A conversa termina com uma ruidosa gargalhada.

O capelão que viveu a Revolução

Recuemos ao dia 25 de Abril de 1974. O algarvio Joaquim José Nunes era, então, um jovem estudante da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde tinha ingressado no ano anterior para cursar História.

O filme dos acontecimentos ainda está bem vivo na sua memória. «Sou capaz de fazer uma linha do tempo desde as 8h00 até ao final do dia», diz à reportagem da DOIS.

Nesse dia, Joaquim, natural de Monchique, tinha uma frequência marcada. No caminho para a Faculdade, veio o primeiro espanto: «vi grupos de pessoas paradas a conversar», numa descrição que, aos olhos de hoje, não espantaria ninguém.

Quando chegou à Cidade Universitária, havia poucos colegas. Professor nem vê-lo. Até que, do próprio reitor,

veio a confirmação: «houve um golpe de Estado. Vão para casa».

Mas o (então) estudante tomou outra decisão.

«Meti-me no Metro, saí no Rossio e andei por ali, a olhar para os títulos dos jornais. Alguns lembro-me de que já iam nas segundas edições. O República, em letras grandes, anunciava mesmo: "este jornal não foi visado pela censura"».

O jovem Joaquim deixou-se ficar por ali. Andou pelo Terreiro do Paço, viu um tanque junto ao arco da Rua Augusta. Mas não foi ao Carmo: ligou para Monchique a avisar que estava bem e regressou a casa.

Havia desconfiança. «Só mais tarde é que fui percebendo, pela rádio, que tipo de golpe era. Tinha havido o golpe militar do Pinochet no Chile... Depois fiquei naturalmente contente com o rumo, apesar de sempre na expectativa. Só à noite, com a Junta de Salvação Nacional, é que entendi, porque os comunicados não davam a mínima noção», recorda.

Desse «dia inicial, inteiro e limpo» até 2024, a vida deste algarvio, que viveu a Revolução na primeira pessoa, deu muitas voltas. O sítio onde decorre a entrevista é prova disso mesmo.

É no Centro Social e Paroquial de Paderne, concelho de Albufeira, que o padre Joaquim José Nunes vai percorrendo estas memórias. Sim, leu bem: padre.

«Eu acabei o curso em 1978 e regresssei ao Algarve para ser professor em Portimão. Era o que desejava desde tenra idade», diz. O sonho foi cumprido, mas a vida encarregou-se de traçar outro rumo para este monchiquense de gema.

Ainda antes da ida para Lisboa, o padre Joaquim já era presença habitual na vida religiosa da vila.

«Fui acólito: apanhei ali as transições do Concílio Vaticano II, com aquelas mudanças profundas na Igreja. Em Monchique, havia uma comunidade cristã muito viva, muito participativa. Vou-lhe dar um exemplo: as ações do escutismo, dos grupos de jovens, eram muito intensas, com passeios, atividades, uma grande dinâmica e com uma certa irreverência que tinha a ver com o ambiente ali dos anos 70, ainda antes do 25 de Abril», diz.

A influência do meio foi determinando uma aproximação cada vez maior à vida religiosa que se agudizou com o regresso a Monchique.

«Em Lisboa, limitava-me a ir à missa ao domingo. Em Monchique, tinha uma ação e uma integração que se foi



▲ Fotografia: Pedro Lemos

aprofundando e é aí que começa a despertar a ideia de poder vir a ser padre», conta, de sorriso no rosto.

A sala onde falamos está repleta de símbolos religiosos, com destaque para um grande quadro com uma foto do Papa Francisco junto à secretária de trabalho do padre Joaquim.

Como vê, a história espiritual deste algarvio não é linear: teve altos e baixos, mas, no início dos anos 80, veio a certeza: «vou para o Seminário».

E nem há um momento exato que o padre Joaquim recorde como aquele em que se deu o "clique".

Socorre-se de uma metáfora: «a água da chuva penetra na terra, vai-se acumulando e, aqui e ali, começam a surgir veios de água que, numa determinada altura, se transformam num riacho. Foi o que aconteceu comigo».

Depois da ordenação em 1991, aos 36 anos, o já padre

Joaquim Nunes ficou logo ligado ao Seminário de Faro, responsável, mais especificamente, pelos serviços diocesanos.

Lidou de perto com as relações ecuménicas: as ligações às outras religiões, o que lhe dá uma perspetiva única sobre o que é a liberdade religiosa.

Sem dúvidas de que Diocese do Algarve tem «ótimas relações» com as outras igrejas cristãs da região (Ortodoxos, Anglicanos e Evangélicos), o padre Joaquim fala também de boas ligações, a nível institucional, com outras religiões.

«Por exemplo, todos os anos, há umas décadas, que há uma semana de oração pela unidade dos cristãos em que tem havido sempre um encontro de oração comum que junta os católicos, os anglicanos, os luteranos alemães, as diversas denominações ortodoxas», acrescenta.

Hoje, o estado de saúde já não lhe permite acompanhar fisicamente essas orações. Uma esclerose múltipla,



“

Em Lisboa, limitava-me a ir à missa ao domingo. Em Monchique, tinha uma ação que se foi aprofundando

”

diagnosticada em 2001, levou a que, há três anos, ficasse sem autonomia.

«Eu continuei a trabalhar no Seminário, na Casa Episcopal, até 2021, quando percebi que as dificuldades aumentaram de tal maneira que se tornava inseguro estar a viver no Seminário», relata.

Em Paderne, diz, entre risos, ser um género de «capelão». Mas sem tirar o lugar ao padre Pedro Manuel, de Boliqueime/Paderne, que conhece há anos, desde o tempo do Seminário.

GARVETUR
PROPERTIES & HOLIDAYS

PUBLICIDADE

AMI 1427

T2, T3, T4

PALÁCIO BR AVENIDA
A excelência no topo de Faro | Excellence at the top of Faro

T. 00351 289 322 488

vendas@garvetur.pt

garvetur.pt





Há um sítio entre a serra e o mar onde o céu é maior.
Onde os sabores e os aromas são mais intensos.
E a maravilha é constante.

Descobrir Aljezur por inteiro é um convite irrecusável.
Porque em qualquer altura do ano,
o regresso é sempre perfeito.

+ info
www.cm-aljezur.pt

**ALJEZUR
SEMPRE**
uma relação natural

aljezur
Município de Aljezur

100 anos de batismos na Praia da Rocha

"Jesus é o Senhor", lê-se em letras grandes quando se entra no grande salão da Assembleia de Deus, em Portimão. As instalações impressionam: são modernas, espaçosas, há várias salas e centenas de pessoas que vão chegando ao final da tarde daquele domingo.

Vamos à procura de Samuel Antunes, o pastor daquela comunidade. As diferenças face ao que é uma missa católica-romana são muitas: não há imagens de santos, o pastor não usa qualquer paramento, não há altar, mas um palco, onde uma banda (com direito a guitarras e bateria) vai cantando várias músicas.

Na plateia, há um pouco de tudo: casais, famílias, pessoas sozinhas, novos e velhos. Há um sentimento de pertença muito grande, potenciado pelas músicas que vão sendo cantadas: «Antes de eu respirar, sopraste a tua vida em mim», «Vamos cantar o amor do Senhor».

É raro o crente que não acompanha a canção, muitos com as mãos levantadas, erguidas a Deus.

No sermão do pastor Samuel, também há contrastes: há oscilações de voz, é usado um microfone de lapela, quase como se se tratasse de uma palestra.

Quem por ali passa, dificilmente saberá que aquela é uma comunidade histórica: foi a primeira Assembleia de Deus a ser criada em Portugal.

A história é-nos contada, já depois do culto, por Rute Antunes, mulher do pastor Samuel, numa dessas várias salas que o edifício tem e que está decorada com fotografias dos vários pastores que passaram por Portimão.

Estávamos em 1924 quando José de Matos decidiu regressar a Portugal. «Nesse ano, ele, que vivia no Brasil há

muitos anos, voltou a Portugal, para Portimão em específico, com o objetivo claro de evangelizar», conta Rute Antunes.

Tudo começou na casa de uma família que o hospedou na altura, onde iniciou os cultos. Em Agosto de 1925, menos de um ano depois, foram feitos os primeiros oito batismos na Praia da Rocha.

Rute Antunes está a preparar um livro sobre os 100 anos da Assembleia de Deus, em Portimão. Tem pilhas e pilhas de informação, fala da história desta comunidade com um entusiasmo contagiante.

«Num desses primeiros batismos, há registos de apedrejamentos. Mas é muito interessante ver a evolução porque, mais à frente, encontramos também notas que dão conta de 1000 pessoas a assistir, tal era a curiosidade», diz.

Os tempos iniciais não foram fáceis: em Silves, também em 1925, ainda no tempo da Primeira República, há um caso da GNR a entrar num culto para apreender a Bíblia.

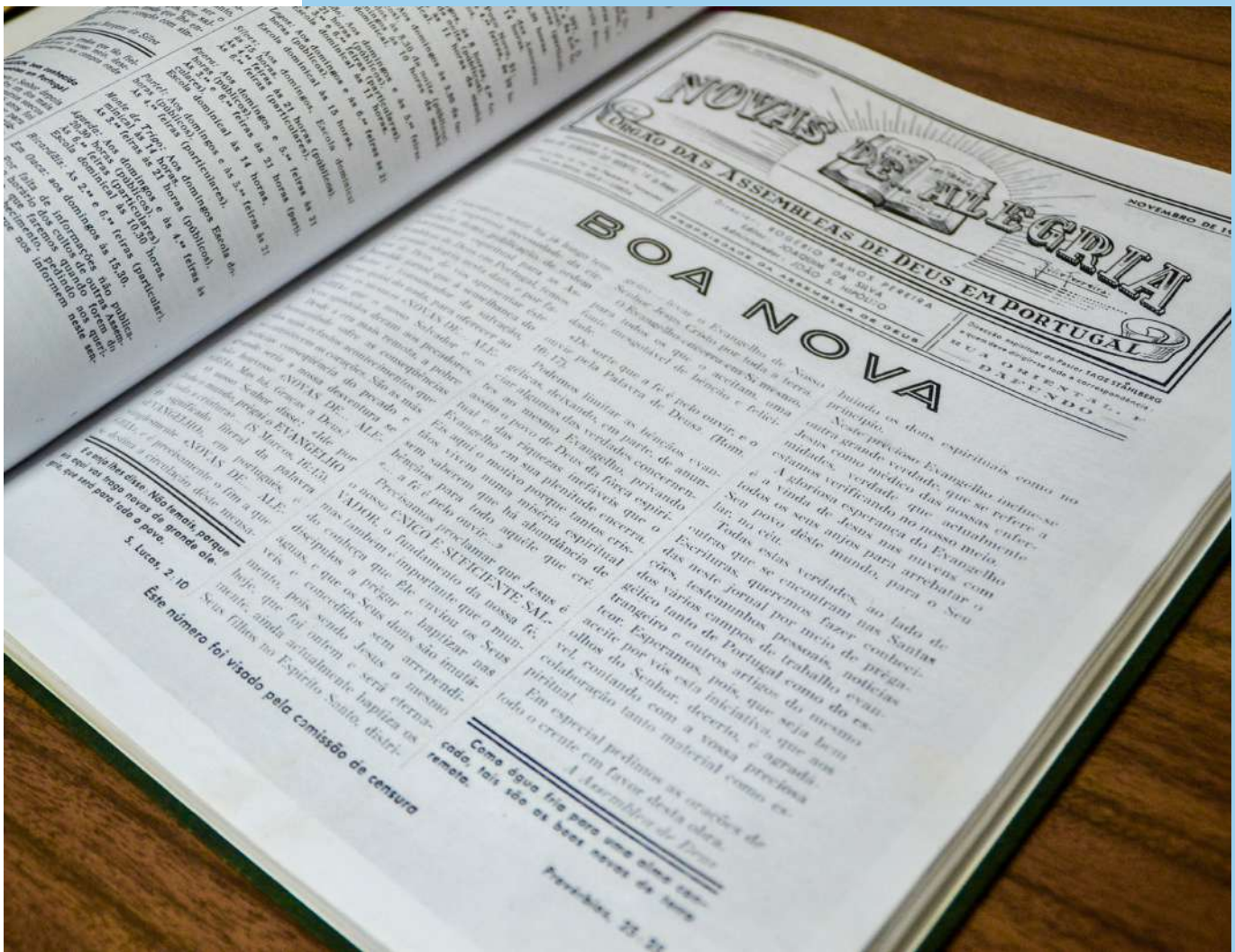
«E o que fez o pastor Matos? Foi ter com o Governador Civil e imediatamente tiveram ordens para se poderem reunir», conta, sorridente.

Os casos de preconceito, também na altura do Estado Novo, foram uma realidade em Portimão - e não só. «Temos registos de apedrejamentos muito logo nos inícios, também um caso de uma senhora, num culto mais para os lados do Sotavento, que foi levada pela PIDE para ser interrogada», prossegue Rute Antunes.

Os últimos tempos da vida da esposa do pastor da Assembleia de Deus de Portimão têm sido passados a vasculhar a história daquela comunidade histórica. Tem lido atas, visto fotografias, falado com pessoas e, apesar desses casos iniciais de intolerância, não tem dúvidas em afirmar que as autoridades «sempre foram favoráveis» à existência daquela comunidade.

«Eu acho que tem a ver com a tranquilidade do povo evangélico e com as pessoas perceberem que é uma mais valia termos evangélicos. Ainda hoje é assim - as pessoas percebem que não queremos problemas, só anunciamos a paz», diz.

Houve, nos tempos da censura, outros dois casos paradigmáticos. As revistas "Novas de Alegria" e "Boa Semente"



▲ Fotografia: Pedro Lemos

foram lançadas durante o Estado Novo. Rute Antunes fala delas com paixão: levanta-se para ir buscar um grande livro que compila várias edições passadas da "Novas de Alegria".

Nas capas, está o tradicional: «este número foi visado pela Censura». Ainda assim, diz Rute, a «coexistência foi incrível nos tempos da censura».

Ambas as revistas continuam a sair - estão, aliás, disponíveis para compra à saída do culto, tal como anuncia o pastor Samuel Antunes.

Filho de pastor, este nortenho está no Algarve desde Agosto de 2022 - antes esteve em São Miguel, nos Açores.

«A vinda para o Algarve deu-se no âmbito da vida normal dos pastores, sujeitos sempre às nomeações», explica. A cultura algarvia, acrescenta, «é peculiar».

«Não quero dizer que seja melhor ou pior. É diferente. E tivemos de fazer uma aculturação também de certa forma à própria maneira de ser das pessoas», diz.

A seu cargo, o pastor Samuel tem cerca de 500 crentes, distribuídos por Portimão, Silves, Lagoa, Armação de Pêra, Albufeira, São Marcos da Serra e Monchique.

Há portugueses, mas também brasileiros e até nórdicos. «Temos uma mescla de pessoas e fazemos um esforço para acolher o máximo de pessoas que chegam. Isso é bíblico», conta.

A entrevista termina já a noite caiu em Portimão e com uma pergunta curiosa do pastor Samuel: «A reportagem vai falar sobre várias religiões, vários credos, não é?».

«Sim: o objetivo é mesmo esse: dar uma perspetiva o mais geral possível», responde.

«Acho que o caminho da nossa sociedade tem de ser mesmo esse», diz o pastor.

Talvez, seja esse, então, o tempo que vivemos.



▲ Fotografia: Pedro Lemos



As pessoas que estão à volta

O mar ao fundo, os barcos varados no areal, as redes, as caixas de apetrechos, as bandeirinhas de muitas cores, os tubos espetados em bóias de esferovite, a tarde quente,

as memórias parecem fios puxados do mesmo novelo,

um tempo de miséria, não tenho vergonha de o dizer, durante o Inverno, quando não se podia ir ao mar, com os temporais, às vezes meses seguidos, me lembro de se meter água e café para dentro numa bacia de lavar a cara, com uns figos para adoçar, e se beber aquilo, ou de se irem às gorpelhas dos cavalos a apanhar os talos verdes,

o sermos livres não tem a ver com haver eleições e podermos votar, ou podermos dizer o que bem nos apetece, a liberdade tem a ver com deixarem a gente andar para a frente, podermos ser aquilo que somos,

a companha dos tresmalhos era de cinco a sete camaradas, as lanchas de vela latina, sem motor, claro, quatro aos remos, um ao leme, alavam-se as redes a pulso, não existiam sondas nem GPS, em havendo nortada não se rompia avante, içava-se a vela, metia-se um ou dois rissos e ia-se bordejando,

bordo de mar, bordo de terra, a direito, ia-se à Praia Verde ou Cacela, bordo de terra para lá, bordo de mar para cá, tudo à força dos braços,

comecei a ir ao mar com doze anos, fazia o mesmo trabalho dos homens, com mais dificuldade, é certo, ganhava meia-parte, metiam-me atrás, alava como podia, apanhávamos salmonete, mucharra, besugo, ferreiras, alguma pescadinha, algum choco no meio do peixe, a lota fazia-se na praia, era uma dor de alma ver o preço a que os compradores levavam o pescado, o que se safava eram as azevias e o camarão, sobretudo quando havia camarão, aí telefonava-se e vinham logo os de Faro, a correr, aí apurava-se,

a azevia apanhava-se em tempos de mar já a descair, depois do temporal ou do levante, depois de revolvidos os fundos, o temporal a passar à bonança, já o camarão morria bem era com as águas mais finas, às vezes com a lua, outras quando a água começava a arder, quando um bocadinho de vento faz partir o cachanito e a água começa a brilhar, é a chamada água negra, mas a brilhar com a ondulação que faz, que a água da noite é mais fina, até o barco

anda mais de noite do que durante o dia, a água, quando vem da rede e cai na popa do barco, à noite, desaparece logo, não assim a do dia, que é mais pesada, parece que o barco quer andar e não anda, até a remar se dá conta da diferença das águas,

andei na arte de emalhar a bordo do Najade Casablanca, a companha era de dez camaradas, contando com mestre, cozinheiro, motorista, sete portugueses, três marroquinos, Mauritânia, Senegal, Marrocos, a pescarmos corvina, cherne, garoupa, só peixe grosso, levávamos dezasseis toneladas de gelo e dezasseis de gasóleo, o mar a rasar o convés,

nasci na zona do Café Roxo, já a nascente da igreja, o meu pai era mestre de traineira, lembro-me da minha mãe me dizer, em criança, «não vás muito para lá, que aquilo é o Sertão», a nossa casa era de telha e paredes de adobe, para fazer os adobes amassava-se a cal e juntavam-se-lhe cascas de conchilha, lingueirão, pé-de-burrinho, misturava-se tudo e metia-se em formas, quase todos os fins-de-semana dávamos meias-paredes, ou seja, caiávamos a parte de baixo das

paredes, a que se está sempre a sujar, o solo era de ladrilho vermelho, lavava-se com um pedaço de rede de pesca e areia, as casas de colmo era do outro lado, ficavam do lado de lá da igreja, no Sertão, ou Sultão, nunca sei como é que se diz,

nasci numa barraca de paredes de lata e contraplacado e telhado de lusalite,

não havia solos de ladrilho nas cabanas, o solo era de areia, areia por todo o lado, o Sertão era isso, areia suja de lixo nas partes mais ermas, areia muito limpa no interior e ao redor das habitações, branca, fina, coada com rastilhos, vivi muitos anos numa cabana de telhado e paredes de paus de piteira e junco, o melhor ia-se apanhar à Abóbora, era o que chamávamos o junco barrão, da Praia Verde para lá, até à Alagoa, também o havia, mas era baixo, não prestava, o bom ia cortar-se à Abóbora, ao pé do arraial da armação, daí para o nascente, quase até à Manta Rota, entre o mar e a ria é que havia barrão,

com dez anos já a minha mãe andava nas fábricas, a fome fazia a necessidade, era uma desgraça se não fossem as fábricas de conservas, sempre nos valia,

as mulheres é que tratavam de tudo, eu comecei aos catorze na Peninsular, mais tarde, me lembro, três quilómetros para um lado, três para o outro, a pé, com os meus quatro filhos, um o levava ao colo, dois a andarem cada um de seu lado da saia, e o outro na barriga, à espera de nascer,

o dinheiro se dividia à semana, metade para o marido, metade para

a mulher, a metade dela era para os gastos da casa, a alimentação, a roupa, os lápis das crianças, tudo, a metade dele era para a bebida e o jogo,

a mim me dizia um sujeito aqui há uns dias que o objectivo das nossas vidas é cada qual procurar a sua própria felicidade, eu lhe perguntei como é possível alguém ser feliz se não forem felizes as pessoas que estão à volta dele.

“

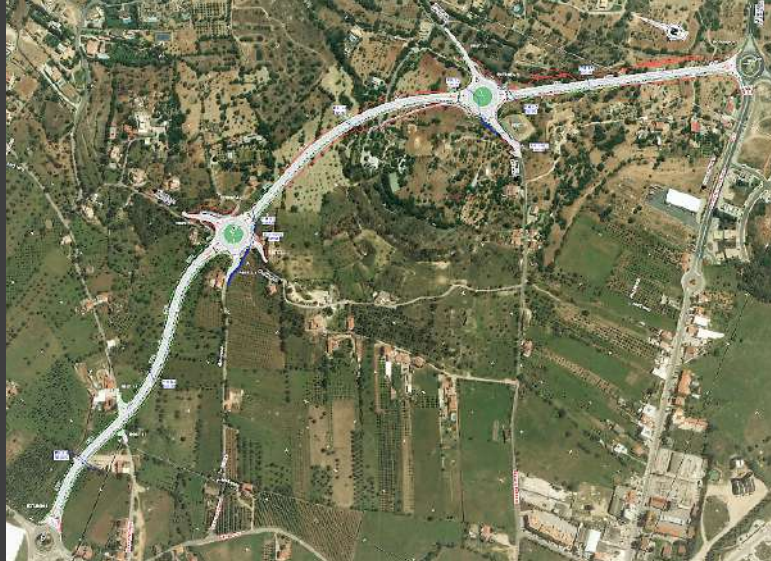
A liberdade tem a ver com deixarem a gente andar para a frente, podermos ser aquilo que somos

”

LOULÉ CRIA VIA MAIS ECOLÓGICA

Novo troço da circular a norte da cidade terá zonas verdes, uma ciclovia e permitirá libertar a cidade de Loulé de uma grande quantidade de trânsito automóvel, reduzindo desta forma os níveis de poluição sonora e do ar dentro da cidade.

A obra corresponde ao prolongamento da Circular, a partir da ligação da rotunda de Querença/Ameixial na EN 396, junto ao Pavilhão, à rotunda das Barreiras Brancas na EN 270, numa extensão de 1722 metros.



Num investimento de quase 4 milhões de euros por parte da Câmara Municipal, a 2ª fase do trecho norte da Circular de Loulé encontra-se em fase bastante avançada de construção e aposta numa nova filosofia: acompanhar as exigências ambientais resultantes das mudanças climáticas observadas um pouco por todo o mundo. Trata-se de facto de uma via com fortes características de ordem ecológica. Em primeiro lugar, a circular terá somente duas faixas de rodagem bidirecional, de forma a dar espaço à criação de zonas verdes nas laterais, uma ciclovia e um passeio para caminhantes. Em segundo lugar, esta via permitirá potenciar uma maior qualidade de vida urbana à cidade de Loulé, libertando uma quantidade apreciável de tráfego automóvel do seu interior e reduzindo consideravelmente a produção de ruído e poluição do ar.

O novo troço da circular irá também facilitar o acesso às zonas do interior (Barrocal e Serra), pois, os automobilistas que pretendam ir para o interior poderão contornar a cidade por poente ou nascente, sem necessidade de a atravessar.

Com esta via, Loulé aposta assim numa maior liberdade de circulação automóvel, protegendo e potenciando em simultâneo valores ambientais indispensáveis ao desenvolvimento económico e social da região.





Um Barão que respira liberdade

TEXTO:
ELISABETE RODRIGUES

O Café Central do senhor José Afonso é escuro, antiquado, não serve coisas da moda, mas é o verdadeiro centro de convívio da aldeia de Barão de São João. Sobretudo porque o novo centro comunitário que haveria de ter sido criado, o Barão ConVida, resultante do orçamento participativo de Lagos em 2015, apesar da placa que ostenta na parede, nunca chegou, realmente, a nascer.



FOTOGRAFIA:
BEATRIZ BENTO

À porta do café, são 10h30 da manhã, mas já lá se sentam alguns homens, de cerveja numa mão, cigarro na outra.

Dois ciclistas estrangeiros, *artilhados* com equipamento caro da cabeça aos pés, encostam as bicicletas à parede e entram. Em inglês, pedem duas águas. O senhor José Afonso, dono do café, põe-lhes duas garrafinhas de plástico na frente, sem copo nem nada.

«Andam a fazer a Via Algarviana, que passa aqui mesmo à porta», diz um dos clientes. «A maior parte das vezes vêm a pé, parecem uns caracóis com as mochilas às costas. Mas a gente já se habituou a estas pessoas, até gostamos de os ver passar. E sempre trazem movimento, compram coisas ali no mercado e aqui bebem ou comem, alugam uns quartos», acrescenta o mesmo cliente.

O Café Central tem um horário no mínimo estranho: abre às 6h30 da manhã e fecha às 14h30. Porquê? «Eu sou só um e não dou para mais», responde o senhor José Afonso, com um sorriso.

Pedro Correia, artista plástico que há cerca de vinte anos comprou uma casinha em Barão, mas só lá vive em permanência desde há dois anos, cliente habitual do café, comenta que o horário tem a ver com «o ritmo da manhã da aldeia, porque depois o ritmo da tarde... já é outro».

O café foi fundado em 1976, pelos pais de José Afonso: José Bailarico e Dionilde. Parte da decoração e dos móveis ainda é desses tempos, com mesas de tampo de fórmica e cadeiras de pernas metálicas. Tem uma pequena televisão a cores, antiga, dos anos 90, que ninguém vê, mas que vai passando velhos vídeos de música, escolhida pelo seu atual dono.



▲ Fotografia: Nuno Costa

Inge Wolff, alemã de nascimento, mas que vive em Barão de São João desde 1973, com o seu marido, o artista plástico Deodato Santos, garante que «é o único café da aldeia que é verdadeiramente português. O ambiente é...autêntico!»

A ligação de Inge e de Deodato ao Café Central começou pouco depois do 25 de Abril de 1974, quando, imbuídos pelo espírito revolucionário da época, começaram a promover «campos de trabalho» na aldeia, para jovens vindos de toda a Europa, sobretudo da Alemanha, França, Bélgica, Suíça, mais uns raros dinamarqueses e suecos. Eram os tempos do chamado «turismo político».

«No primeiro ano, usámos tendas e a escola primária». Mas, no segundo ano, em 1976, o casal que tinha acabado de abrir o Café Central «emprestou-nos a parte de cima, que não estava ainda completamente construída, para fazer

a cozinha e refeitório», recorda Inge.

E o que faziam, em Barão, os jovens participantes nestes campos de Verão, na sua maioria estudantes universitários? «Iam ajudar as pessoas no campo, a apanhar os figos e as amêndoas, ajudaram a pavimentar ruas na aldeia e a construir o campo de futebol», recorda José Afonso. «Andaram a trabalhar e de que maneira!», exclama.

António Francisco da Costa Pacheco, mais conhecido como Xavier (que era o nome do seu pai), antigo tipógrafo e «funcionário do Partido Comunista Português em tipografia», comenta: «era um tempo muito solidário!»

Na freguesia de Barão de São João, foram os estrangeiros que se começaram a dedicar à agricultura biológica, que ia ganhando espaço na Europa, mas que, em Portugal, ainda era vista como uma mania de gente estranha.



Fotografia:
Beatriz Bento

Filomena Carmo, uma professora reformada com raízes na freguesia e que a escolheu para viver por causa do ambiente de liberdade e de vida alternativa, sublinha que «Barão de São João foi considerado, a certa altura, como o território em Portugal com maior percentagem de agricultura biológica. Havia aqui diversos agricultores biológicos: o Hubert e a Margit, da Vinha Velha, o Nils, o Jean-Pierre...»

Meio século depois de os pioneiros terem apostado nesse tipo de agricultura, é a falta de água que ameaça a sua atividade.

É também por isso que a população baronense se manifesta, desde 2017, contra a implantação de explorações intensivas de abacateiros na freguesia. São já mais de 200 hectares, que competem pela água escassa que nem para os agricultores atuais chega.

Voltando à história de Inge e Deodato: um ano depois de se terem estabelecido em Barão, «a vida deu uma grande volta, porque aconteceu o 25 de Abril».

Deodato Santos ficou à frente da Junta de Freguesia.

Ultrapassada a primeira estranheza dos baronenses em relação àquele casal, que até integrava uma “alemoa”, e que



tinha decidido vir viver de forma simples a vida de que toda a gente da aldeia então procurava fugir, começou a cooperação com a população.

«Fizemos muitas coisas diferentes: uma das primeiras foi criar um grupo de teatro para a juventude, iniciámos a construção do Centro Cultural, que ainda existe, ao pé

Fotografia: Nuno Costa







Fotografia:
Nuno Costa



ÃO
E

da Mata».

E organizaram, em 1975, o tal campo de trabalho internacional. «Todos queriam vir cá viver a Liberdade!», recorda Inge. «Nós dissemos: já que vêm ver, também podem tornar-se úteis e organizámos o apoio à população, principalmente aos pequenos agricultores».

Desses tempos revolucionários, nasceu também uma cooperativa dedicada ao artesanato, por iniciativa de Inge e de Rosa Roxo. Chegou a envolver 65 pessoas, mulheres na sua maioria, só com um homem, que fazia cestos.

Grande parte da produção era «vendida para a Alemanha, para as “lojas do Terceiro Mundo”, que apoiavam o setor cooperativo, as empresas mais desfavorecidas».

A utopia desta cooperativa sobreviveu uma década, até meados dos anos 80. «Foi uma experiência boa, mas, infelizmente, não deixou sementes», lamenta Inge, com um suspiro.

Só que poderá não ser bem assim. No dia em que a reportagem da DOIS esteve no Café Central, numa das mesas no interior, a tomar um café, estava Isabel João, «artesã certificada pelo CEART», nascida em Barão. E foi ela própria que se apresentou, afirmando que o seu «sonho é trazer essa cooperativa de volta». «Os meus pais e avós participaram nesse projeto, e, como trabalhar no artesanato é a minha paixão, penso que é possível».

Eva Herre, educadora de infância, também alemã de nascimento, é outra das estrangeiras que escolheu Barão. Veio para a aldeia em 1991, quando já estava a trabalhar no Porto.

Ouviu falar da aldeia, «onde moravam o Hubert e a Margit, os donos da Vinha Velha, uma quinta biológica dinâmica. E eles tinham lançado uma pequena escola com uma pedagogia diferente, que é a pedagogia Waldorf. Eu sou educadora de formação e





▲ Fotografia: Nuno Costa

isso interessou-me».

Falando num português quase perfeito, com sotaque algarvio, como aliás o faz Inge Wolff, Eva recorda que «como eles não tinham jardim de infância, pensei que podia criar um aqui. Foi essa a minha motivação inicial».

Passado pouco tempo, já integrada na comunidade, Eva

“
Como eles não tinham jardim de infância, pensei que podia criar um aqui

”

passou a ter na sua escolinha crianças alemãs e portuguesas e até biculturais.

Já reformada, Eva dedica-se agora sobretudo à sua arte, a pintura, na casa-ateliê onde vive, numa rua de Barão.

Nos últimos anos, Eva Herre envolveu-se no grupo de artistas de Barão e no Festival Walk & Art, que, em Novembro, promove caminhadas e atividades na natureza, mas também iniciativas ligadas ao bem estar e às artes, atraindo mais de meio milhão de pessoas à freguesia.

Além dos muitos estrangeiros, grande parte deles alemães, que, desde os anos 70, têm escolhido viver em Barão de São João para regressarem a uma vida mais simples e mais próxima da terra, integrando-se na vida da aldeia, tem havido também portugueses a fazer essa mesma escolha.

Gonçalo Cabral, arquiteto de formação e professor de profissão, já reformado, é um deles. A primeira vez que ouviu falar da aldeia, lá por 1974, foi por causa de Deodato Santos, através de um amigo comum, o jornalista Afonso Cautela, que foi o fundador do Movimento Ecológico Português.



ENCANTUS



Venha descobrir as famosas pizzas caseiras do forno italiano a lenha "FORNI VISCIANO" no Encantus Pizzeria. O premiado Chef Pizzaiolo Daniel Batista faz as mais deliciosas pizzas; uma foi eleita 1 das 30 melhores pizzas do mundo no Pizza World Sharing 2021.
A sua paixão criativa não tem limites; deixe-se surpreender!
Opções vegetarianas.

*Come and discover the famous home-made pizzas from the Italian wood burning oven 'FORNI VISCIANO' at Encantus Pizzeria. The award-winning Chef Pizzaiolo Daniel Batista makes the most delicious pizzas – one of them was voted 1 of the 30 best pizzas in the world at Pizza World Sharing 2021.
His creative passion has no limits; you will be surprised!
Vegetarian options.*



Italiana
Italian

Aberto: Segunda a Quarta 19:00-21:30
Quinta a Sábado 13:00-14:30 e 19:00-22:00
Fechado: Domingo
Reservas: Aconselhável



Open: Monday to Friday 19:00-21:30
Thursday to Saturday 13:00-14:30 e 19:00-22:00
Closed: Sunday
Reservations: Recommended

Rua Gonçalo Velho 90, Loja 8 – 8125-221 Quarteira – +351 934 630 001 – N 37.06976, W 8.1047



● Fotografia: Beatriz Bento

Também José Carlos Marques, outro pioneiro do movimento ecologista, ali viveu. Foi em Barão que foram delineadas muitas edições da revista «A Urtiga», então uma *bíblia* dos ecologistas nacionais. Outro novo habitante foi Pedro Cavaco, arquiteto que veio do Porto em 1978, ligado à cooperativa Pirâmide.

A agricultura biológica, o regresso às técnicas de construção mais ancestrais, uma vida mais ecológica e respeitadora da terra, uma vontade utópica de mudar o mundo. Estes eram, em resumo, os valores que ligavam aquele grupo de portugueses e estrangeiros, em Barão de São João.

Pelo meio da aldeia, passa a Via Algarviana, a grande rota pedestre que liga Alcoutim ao Cabo de São Vicente. Foi essa uma das razões que levou a associação Almargem a lá criar o festival de caminhadas Walk & Art Fest.

«Quando nos foi lançado o desafio, pela cooperativa QRER, Barão de São João surgiu de uma forma muito óbvia», explica Anabela Santos, coordenadora da Via Algarviana e do festival de caminhadas.

«É um sítio muito diferente. Costumo dizer que Barão de São João deve ser o sítio no Algarve com mais artistas por

metro quadrado», continua.

«É impossível de não reparar na arte, porque a arte está nas casas, nas peças espalhadas pelos telhados, à beira dos caminhos, nas ruas, na mata», acrescenta Anabela Santos.

Como a arte, em Barão, entra em todos os aspetos da vida local, até na política entrou. É por isso que ainda hoje se podem ver, em paredes e janelas, os restos da campanha «Freguesia de Volta», o movimento popular pela separação de Barão de São João de Bensafirim, com quem foi agregada à força em 2013.

No dia em que a freguesia for restituída, vai haver festa rija na aldeia. «E sou eu quem oferece o porco no espeto», garante José Afonso, dono do carismático Café Central.

Filomena Carmo, João Figueiras e Xavier foram os líderes do movimento de contestação à agregação de freguesias, determinada no Governo de Passos Coelho e imposta pela Troika.

Por isso, mal o Governo de António Costa anunciou, no final de 2021, a reversão do processo de união de freguesias, foram dos primeiros a deitar mãos à obra.

«Nós realmente não temos nada a ver com Bensafirim, somos povos diferentes, em todos os sentidos», diz o velho





Fotografia:
Nuno Costa

comunista. É até uma coisa que se vê «nas festas, na cultura, nas tradições, que nós temos e eles não», garante Xavier.

Com esforço, conseguiram recensear mais de 100 pessoas que precisavam para atingir o número mínimo de 750 recenseados e assim voltar a ser freguesia. Muitos desses são estrangeiros, «que viviam cá há muito tempo, podiam votar, mas nunca se tinham recenseado».

Seguiu-se a aprovação em Assembleia de Freguesia, depois na Assembleia Municipal de Lagos. Agora a população espera que o assunto seja discutido e aprovado noutra Assembleia, a da República.

«Vai ser uma alegria aqui para as pessoas!», assegura Xavier.

E depois de tudo isto, há a capela. Que não é dedicada a nenhum santo, é apenas a capela de Siza Vieira, obra emblemática do grande arquiteto. Erguida no alto de um monte, como uma torre de atalaia, também ela é iniciativa de um casal de estrangeiros – o suíço Mathias e a americana Rebecca. Apesar de nunca se terem integrado na vida local como os restantes, também estes acabaram por contribuir para a comunidade multicultural de Barão de São João.

Sentada num banco ao pé da igreja, uma criança, sem nacionalidade visível, faz bolas de sabão. Essas bolas, que se elevam no ar, refletem a aldeia, onde desde há mais de 50 anos se respira ares de **liberdade**.



VEJA A FOTOGALERIA

usando este QR Code







Liberdade, que estais em nós

A liberdade é um coração abstrato. O tempo coletivo ou individual que lhe dedicamos, o gosto que fazemos na sua fruição e o reconhecimento da liberdade do outro são aquilo que a personifica e dá uma dimensão humana à existência. São as nossas ações que lhe conferem as sístoles e as diástoles sobre as quais o nosso espírito se mantém e a reduzem a uma anatomia, com todas as limitações, achaques e imperfeições intrínsecas a qualquer corpo. E, ainda assim, é a liberdade que nos torna protagonistas do nosso próprio destino. Promover a nossa liberdade pela liberdade do outro, pelo exercício da tolerância, da empatia ou da alteridade é uma das maneiras mais eficazes de reconhecer alguém como nosso semelhante. Sou tanto mais digno de ser humano quanto mais dignificar as emoções, os sentimentos, as razões e os pensamentos de outras pessoas, mesmo que não partilhe das mesmas afeições ou não concorde com o seu entendimento. Só é livre quem se reconhece na liberdade do outro. A liberdade é uma ânsia. Agrada-nos. Seremos mais felizes quanto mais livres nos sentirmos e, embora, como diria Torga, não sejamos plenamente livres, porque nem a própria vida no-lo

consente, a liberdade coletiva que o 25 de Abril nos outorgou abriu-nos a possibilidade de discordar. Para além da possibilidade de ter um destino escolhido por mim, num país, na família, no contexto socioeconómico em que nasci e tendo em conta outras circunstâncias que não posso alterar, de todas as liberdades que esse momento de felicidade coletiva, enquanto experiência transformadora, nos trouxe, aquela que me é mais prazerosa é a de me ser permitido ouvir e ser ouvido por aqueles que pensam de maneira diferente da minha. Bater-me por essa pluralidade é dar feições ao meu próprio rosto de homem livre, plural e não raras vezes ambíguo e contraditório. Reconhecendo na revolução de Abril essa grande conquista que nos permitiu abrir-nos uns aos outros sem receios, não deixa de ser paradoxal a sensibilidade exagerada que demonstramos quando sentimos a nossa liberdade ameaçada por uma simples opinião ou um pensamento contrário ao nosso, como se fosse nosso ofício fiscalizar os discursos e as palavras uns dos outros. Devemos gratidão aos que se esfolaram para podermos ser finalmente livres depois de quarenta e oito anos a viver debaixo das botas

lúgubres de uma ditadura opressiva e autoritária. Pagámos essa liberdade com a mordaza e com a pele da nossa vida coletiva. E, no entanto, as nossas consciências parecem ainda viver em carne viva, como se a censura omnipresente nessas quase cinco décadas de monstruosidades ainda não tivesse sido completamente vencida, cavando fossos cada vez mais fundos e intransponíveis no destino da pátria. Daqui parece resultar que a liberdade que reclamamos para nós vem sempre em porções maiores do que aquela que consentimos aos outros. Basta uma brecha, um desencontro de perspetivas entre alguém e um discordante sobre um qualquer assunto para, dando via aberta à indignação, acusarmo-nos mutuamente, fazendo acordar o tirano que vive mais ou menos adormecido dentro de cada um de nós. Ora, das inúmeras virtudes possíveis de encontrar no conceito de liberdade, a mais preciosa é a de ser conciliadora, oferecendo a cada cidadão a graça de poder discordar sem que daí resultem declarações de guerra ou a angariação de nomes para uma lista negra de inimigos. Já que entre as palavras e aquilo que elas querem dizer pouco ou nada existe, tudo lhes deve ser permitido. Apenas não deve haver

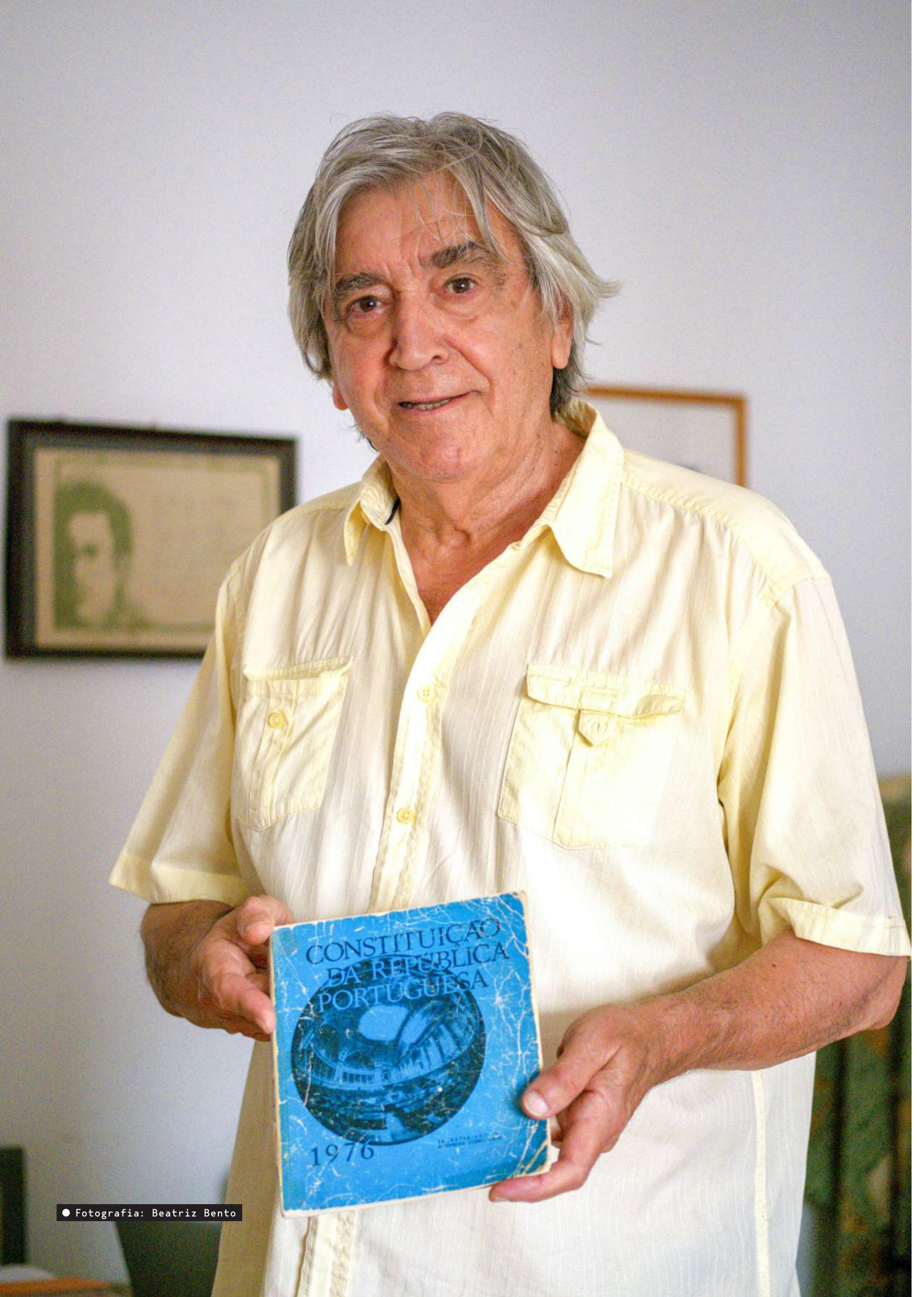
tolerância quando detonam a ofensa, o ódio, a injúria, a agressão ou outros crimes inscritos na lei.

Concordar em discordar. Não existe formulação que tão bem ressoe a diversidade de vozes aparentemente solitárias, mas que ecoam o princípio de que não há unidade e verdade na liberdade coletiva sem o reconhecimento das liberdades individuais. Como n'As Cidades Invisíveis, de Ítalo Calvino, Marco Polo descreve o arco da ponte, pedra a pedra, a Kublai Kan, de modo a fazer ver ao imperador a importância de cada fragmento de rocha na robustez do arco que forma a ponte, também a harmonia do edifício social depende daquilo que cada um de nós, em consciência, pode fazer pela importância da liberdade individual do outro.

Numa época de fanatismos de toda a ordem, de mentiras validadas e de manipulações, de bandeiras de fumos populistas, de acertos de contas com o passado e de cantos de sereias de águas prosélicas, ser livre é usufruir na plenitude a graça de não ter de optar por caminhos já trilhados pelos mais, seguindo rebanhos, mas sim o de cada um de nós poder desbravar e criar por si mesmo um território íntimo de afirmação da sua própria identidade, amparado por uma teia de solidariedade fundada na igualdade de opções. Ninguém pode aspirar a ser livre se não começar por ser igual a si próprio. Mas é igualmente difícil viver plenamente a liberdade sem as invenções coletivas que permitem aos mais desfavorecidos e às minorias inverter o destino, capacitar-se e ganhar

consciência de que vivem dentro de si forças vivas capazes de contribuir para a mudança no chão que pisam: a escola pública, o Serviço Nacional de Saúde, a proteção social perante a doença ou o desemprego, e a arte enquanto abre-latas para outras vidas e outros mundos distintos daqueles que conhecemos. Porque não há liberdade sem igualdade, uma sociedade será tanto mais livre quanto mais igualitária for. Ser o que somos, como quisermos ser, se necessário até à total solidão, sem que das nossas escolhas ou condição advenham exclusões, discriminações ou violências de nenhuma ordem. Ser o que somos, onde e quando quisermos ser, contornando ou adaptando-nos a determinismos geográficos, sem que nos sintamos abandonados à nossa sorte por habitar áreas remotas do interior ou que o flagelo das alterações climáticas limite a liberdade das gerações do porvir no acesso a recursos naturais vitais como a água ou o solo. Poucos temas são tão filosoficamente apaixonantes como o da liberdade, na medida em que é ela que arranca do mais fundo de cada um de nós a diferença entre aquilo que somos, ou aquilo que queremos que sejamos, e aquilo que queremos e podemos ser. Nessa medida, é, para mim, impossível pensar-me a mim mesmo, desejar conhecer-me na minha relação dos meus eus comigo e com o mundo sem me perguntar até que ponto o livre curso das minhas escolhas pode degenerar em solipsismos individualistas, tornando-me naquilo a que Pasolini chamava de «trepador social» que não hesita em fazer do corpo dos outros

o estribo que o leva ao topo. Entre outras razões, quero acreditar que a casualidade de ter nascido na Serra de Monchique, onde resquícios das práticas de convivência cooperante entre vizinhos e conhecidos ainda se mantêm e onde a livre iniciativa tem um fundo solidário e de entreatajuda, exacerba a responsabilidade de ser livre. Seja para ajudar o vizinho na matança do porco, numa “arranca de batatas” ou na luta contra as labaredas todos os verões, é esse sentimento de homem que se liberta afundando mais as raízes que faz perseverar em mim a ideia lírica de que o impulso da liberdade se descobre, se restaura, se saboreia, se expande e se diversifica quanto maior é o nosso compromisso em ser obreiros livres de uma construção comum •





TEXTO:
HUGO RODRIGUES



Fez de tudo, até da Cantiga uma Arma e a Constituição

Andou pelo país a cantar Abril e a fazer da "Cantiga uma Arma", ajudou a escrever a Constituição da III República Portuguesa, veio parar ao Algarve, por mero acaso, em 1984, e por cá continua 40 anos depois, a espalhar música, poesia e cultura.

Aos 74 anos, Afonso Dias não se pode queixar de ter tido uma vida aborrecida. No currículo, tem "medalhas" de peso, entre as quais ser um dos membros fundadores do Grupo de Ação Cultural e da União Democrática Popular, bem como um dos deputados à Assembleia Constituinte.

Mas vamos por partes.

Afonso Dias nasceu no último ano da década de 40 do século XX, no Portugal profundo. Passou os primeiros anos de vida «ali na fronteira entre Ribatejo, Alentejo e a Estremadura, perto de Canha e de Lavre». Ainda ingressou no liceu, mas teve de desistir bem cedo, quando o pai deixou

de ter capacidade para sustentar os estudos. Desta forma, teve de trabalhar desde muito cedo e era ainda adolescente quando "entrou" na escola da resistência contra o fascismo.

«Nasci naquele Portugal descrito por José Saramago no seu livro "Levantado do Chão". Essas são as minhas zonas. Mas é também a minha época. Sou do tempo em que muita malta ia descalça para a escola, em que a pobreza era muita, em que os homens eram engajados para trabalhar lá no largo de Canha pelos feitores e uns tinham trabalho e outros não, conforme a simpatia que o feitor nutria por eles», conta, em entrevista à revista Dois.

Também Afonso Dias nasceu numa família pobre, o que fez com que tivesse de ir trabalhar com apenas 13 anos.

Apesar de ter ido viver para Lisboa, com o seu único irmão, alguns anos mais velho, começa a frequentar Vila Franca de Xira. «E porque é que se destaca aqui Vila



Franca? Porque ela me aparece num período muito decisivo da minha vida, aquela altura da adolescência», enquadra.

Aos 16, mudou-se para esta cidade, criou uma ligação com a secção cultural da União Desportiva Vilafranquense, que «foi a “universidade” de uma série de gente, alguma dela famosa».

«Ali também era possível privar com muita gente de Vila Franca, que era importante: o Alves Redol, o Soeiro Pereira Gomes, entre outros», reforçou.

Foi mais ou menos nessa altura que começou a interpretar canções de resistência, mas também a compô-las. «Conheci o Zeca Afonso em 1968. Conheci-o a ele, ao Fanhais e a essa malta das cantigas de intervenção ali, em Vila Franca».

Nessa altura, Afonso Dias vivia numa casa conhecida como “O 34” que, a certa altura, começou a ser frequentada «por muita gente. E tornaram-se famosas as sextas-feiras do 34. Vinha ali gente de todo o país».

Foi aqui que começou a atividade política do jovem Afonso, que havia de continuar a crescer e a moldar-se.

Houve mesmo uma altura em que teve de «andar mais escondido» e não foram poucas as vezes em que teve de

fugir à polícia, nomeadamente quando ia «cantar aqui e ali».

«Eu conheci o Fausto num concerto na Faculdade de Letras, que nunca terminou. Acabámos a fugir à polícia, pela Alameda abaixo. “É pá, têm de se pirar, pirem-se!” (risos). E isso acontecia muito», conta.

Foi a conciliar a vida artística com o trabalho que Afonso Dias chegou ao 25 de Abril de 1974.

Nesse dia, como sempre, acordou cedo, porque tinha de atravessar o rio Tejo, para ir para Lisboa trabalhar. E foi através da rádio que ficou a saber que tinha havido um golpe.

«Apanhei o autocarro para Cacilhas e o último barco para Lisboa, às 7 e picos da manhã. E a partir daí andei ali o dia todo. Fui ao Terreiro do Paço, ficámos a saber o que se passava e assisti àquilo tudo», recorda.

«A malta mais nova pode achar estranhas várias coisas, em relação ao 25 de Abril, que de facto o são, a esta distância: o que se fez, o que se cantava, o que se escrevia. Mas atenção! Nós estávamos a fazer uma revolução. Não estávamos à espera de que alguém a fizesse por nós. Estávamos dentro dela, a fazê-la!», salienta.

O seu contributo pessoal para a mudança e consolidação da democracia começou pouco depois do dia 25 de Abril, primeiro através da sua voz.

Logo nos primeiros dias de Maio de 74, houve um encontro no Porto, «que juntou muitos cantores», onde houve uma tentativa falhada de criar um grande corpo de artistas para levar música, poesia e cultura a todo o país, que se chamaria Coletivo de Ação Cultural – «eu não fui, e muita outra malta, porque era muito caro e eu não tinha dinheiro (risos)!».

Poucos dias depois, Afonso Dias soube que Fausto, José Mário Branco e Tino Flores iriam atuar em Almada.

«Eu, ao Zé Mário Branco, só o conhecia de ouvir falar e dos discos que gravou. O Tino Flores nem sequer tinha ainda ouvido falar dele. O Fausto é que conhecia bem, já tínhamos tocado várias vezes. E então lá fui com a minha companheira», recorda.

«Acabei por cantar lá umas modas e, nessa mesma noite, em casa do Fausto, criámos o Grupo de Ação Cultural – e não o coletivo, para não açambarcarmos o nome. Nos dias a seguir, estávamos a cantar. Salvo erro, o primeiro sítio onde

fomos foi a Grândola. E não mais parámos. Íamos onde era preciso, de Norte a Sul», conta.

Esse foi um período muito intenso na sua vida, uma vez que, no tempo em que ficou no GAC, fez «mais de 900 sessões pelo país. Houve malta que fez mais que isso».

Foi também por esta altura que Afonso Dias ajudou a fundar a União Democrática Popular (UDP), à semelhança de Zé Mário Branco, o que fez com que este partido passasse a ter «algum ascendente sobre o GAC».

Da mesma forma, a ala dos artistas também ganhou um espaço de destaque na UDP.

E aqui começa outra etapa marcante da vida de Afonso Dias: a de deputado à Assembleia Constituinte.

«Foram propostas para a lista da UDP várias pessoas. Em Lisboa, os três primeiros elementos da lista eram o João Pulido Valente, que tinha vindo da prisão e era um herói da resistência, o Américo Duarte, porque era operário da Lisnave, e eu, que era da área dos artistas».

A UDP conseguiu eleger um único deputado, pelo círculo de Lisboa. Pela ordem, seria João Pulido Valente a assumir o lugar, mas este «retirou-se, por razões pessoais».

Subiu a deputado Américo Duarte, que ainda esteve

PUBLICIDADE

Entrada Livre

9 AGOSTO
SEX - 19H00
VITOR KLEY
WE ARE THE 90'S

10 AGOSTO
SAB - 19H00
THE LUCKY DUCKIES
FESTA M80

monchique TURISMO DE PORTUGAL visit Algarve Portugal MONCHIQUE



Fotografia: Beatriz Bento ▼

algum tempo no cargo, mas que a UDP decidiu substituir, passado algum tempo. Desta forma, Afonso Dias entrou para a Constituinte, onde ficou até à aprovação da Constituição.

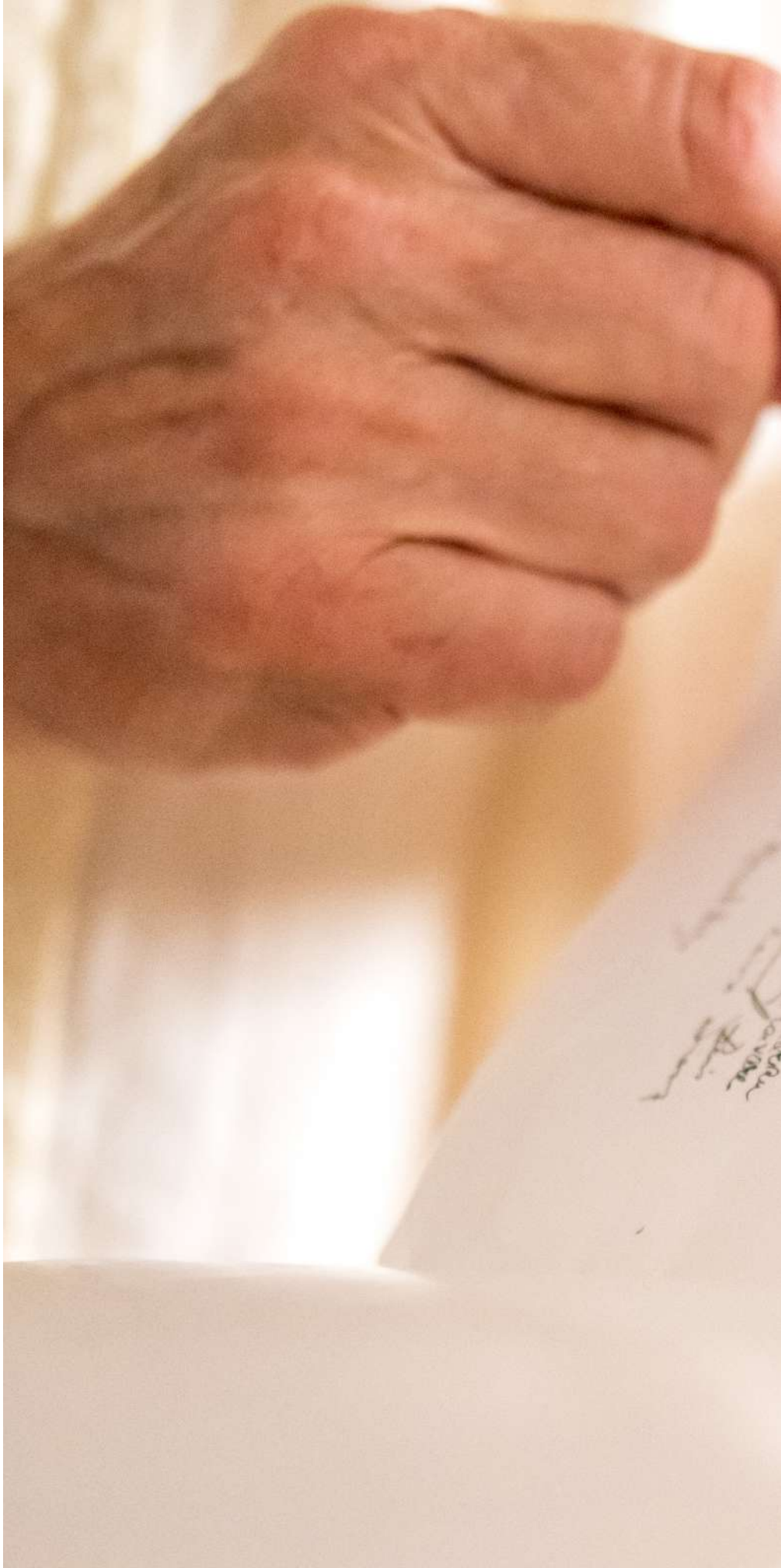
«Foi um processo muito vivo, mas também muito competente. Aqueles 250 tipos – e incluo aqui os 15 do CDS que votaram contra –, em onze meses e picos, conseguiram produzir a Constituição. Com tantas divergências, com tanta diferença e tanta coisa a ter em conta, é obra!», afirma.

Esses dias, admite, foram intensos e havia sempre muita discussão. «Eu, por exemplo, intervinha sempre. Devo ter sido dos gajos que interveio mais ali, porque metia sempre o bedelho em tudo, já que era o único da UDP (risos)».

«Ainda me aprovaram duas coisas. Uma delas foi o voto aos 18 anos. Não fui só eu, claro, mas estou muito ligado a essa proposta», revela.

Aprovada a Constituição, Afonso Dias deixou o Parlamento para trás e voltou a dedicar-se de corpo e alma à música. Já depois do GAC ter acabado, em 1979, lançou o seu primeiro disco a solo e andou a tocar e a cantar, durante anos, dentro e fora de portas.

Em 1984, veio para o Algarve «por nenhuma razão em especial». «Houve uns amigos daqui de Portimão, da Mexilhoeira Grande, que me desafiaram a vir cá passar uns dias e tocar. Resolvi vir e fui ficando. Foram surgindo convites para trabalhar e





Após os acontecimentos de 25 de Novembro, a União Democrática Popular é a organização da chamada extrema esquerda que tem mantido uma certa actividade política. As restantes parecem ter recolhido ao acaso.

Por outro lado, é nesta altura, em que se pretende repensar o processo político português, que a U. D. P. substitui o seu deputado, Américo Duarte, por Afonso Dias, também operário metalúrgico. A propósito destes dois aspectos, conversámos com Afonso Dias.



AFONSO DIAS: **«RECUSAMO-NOS A ANDAR AO SABOR DOS NEGÓCIOS POLÍTICOS»**

comecei por ir protelando» o regresso à Margem Sul.

Esse adiar acabou por ser permanente e Afonso Dias criou raízes na região algarvia.

Depois de uma fase a tocar em vários locais, nomeadamente no circuito dos bares, alargou os seus horizontes artísticos e começou a fazer teatro mais “a sério”.

«Há uma altura em que o Luís Vicente [diretor da ACTA – A Companhia de Teatro do Algarve], que já me conhecia, me desafiou a organizar um recital de comemoração do 25 de Abril, com músicas e poemas, que ele arranjava quem eu

precisasse, de atores e tal. Acabámos por fazer um monte de recitais desses, com a ACTA», conta.

A colaboração com Luís Vicente continuou durante anos, fosse como ator em peças de teatro, fosse em projetos paralelos, educacionais.

O primeiro foi «um projeto de música e poesia para as escolas, ao qual chamei “Em Papel Perfumado”».

No virar do século, António Pina, o diretor regional de Educação à data, desafiou-o a fazer um projeto chamado “Ao sabor da poesia”, em 16 Escolas Secundárias do Algarve.

«O projeto correu muito bem e, no final, ele pediu-me para lhe propor mais coisas. E isto nunca mais acabou».

Hoje, Afonso Dias continua a ir às escolas e é «reconhecido por malta mais nova e frequentemente interpelado, na rua, nos cafés», por «gente com os filhos pelas mãos e tudo, que é uma coisa giríssima. Sinto que deixei e continuo a deixar alguma coisa nos jovens, com estas sessões».

«Este ano, fiz 236 sessões de uma hora entre Janeiro e a primeira semana de Junho. Isto para além dos concertos que tenho feito, relacionados com o 25 de Abril, que já são 19 e ainda farei mais uns quantos. E já tenho mais escolas para fazer, a partir de Outubro», elenca.

A tudo isto, Afonso Dias junta cinco filhos, «o mais velho com 53 anos e o mais novo com 14», mas também seis netos.

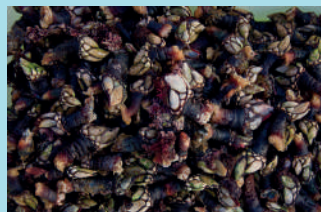
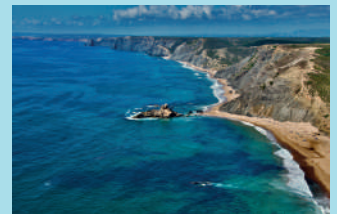
«Tenho 74 anos e estou vivo, pá! Conheço muita malta mais nova que pensa que está, mas não está», remata, com uma gargalhada.

“

Tenho 74 anos e estou vivo, pá! Conheço muita malta mais nova que pensa que está, mas não está

”

PUBLICIDADE



Município
Vila do Bispo

História | Ambiente | Natureza | Culto | Tradição

Um Concelho a Descobrir!

Tanto! Aqui tão perto...

www.cm-viladobispo.pt







FOTOGRAFIA:
MARIANA VILAÇA



TEXTO:
MARIANA CARRIÇO

Na cozinha de Rui Sequeira, os sonhos não têm limite

Aos 31 anos, chef quer conquistar primeira estrela Michelin para Faro

Faro também pode ser um «um destino gastronómico», com boas opções para tomar o pequeno-almoço, almoçar ou jantar. Esta é a visão de Rui Sequeira para a cidade que o viu crescer.

Aos 31 anos, o chef já trouxe para Faro quatro conceitos de restauração e quer arrecadar a primeira estrela Michelin para a capital algarvia. Na cozinha de Rui Sequeira, não há limite para a criatividade e é por isso que se diz tão feliz a criar pratos de *fine dining* no Alameda, Pad Thais para o Monky, peças de sushi no Karpa ou receitas vegetarianas para o The Flower Bar.

O sonho começou a ser traçado quando Rui Sequeira decidiu - depois de passar pela cozinha de Serge Vieira, em França, e de quatro anos a trabalhar no Ocean, onde chegou a *sous chef* com apenas 25 anos - que queria abrir em Faro o primeiro restaurante de alta gastronomia.

O Alameda começou a ser desenhado na sua própria casa, onde, juntamente com a mulher, Cristina Monteiro,

criou o primeiro Supper Club do Algarve, o Oitavo Frente. Aí recebia pequenos grupos que procuravam «uma gastronomia diferente» e que lhe foram mostrando «do que é que a cidade precisava, o que é que as pessoas queriam e aquilo de que mais gostavam».

É com base nestas indicações que nasce o Alameda, em 2018 - o restaurante que é para Rui Sequeira o palco de todos os sonhos e onde a liberdade criativa não tem limites.

«Isto foi um projeto gradual, que foi crescendo também e ganhando mais qualidade à medida que os anos foram passando, focando-se 100% na cozinha algarvia», conta Rui Sequeira à revista DOIS.

Mas, quem por aqui passa, encontra em cada prato muito mais do que apenas comida.

«A ideia é que quem nos visita fique a conhecer a história do Algarve através da nossa gastronomia. Todos os anos fazemos uma pesquisa de cerca de seis meses para o conceito do ano seguinte. No ano passado, por exemplo,



tínhamos uma “Carta de amor ao Algarve”, onde a cada prato estavam associadas fotografias de pessoas, personagens e tradições perdidas. Hoje, o nosso cliente já vem ao Alameda para isso».

O conceito estava implementado quando, em 2020, a pandemia o obrigou a reinventar-se. O segundo projeto de Rui Sequeira, o *Monky*, nasce «de um problema» e como «uma salvação para o Alameda».

«Precisámos de uma alternativa para mantermos os nossos funcionários, conseguirmos pagar os ordenados e não fecharmos o restaurante».

O que é que Rui e a mulher pensaram? Que, naquela fase, as pessoas iam ter muita vontade de viajar e que lhes podiam levar os sabores de outras partes do mundo através de um novo conceito de *delivery*.

Passada a pandemia, havia duas opções: «matar a marca», porque no Alameda não havia espaço para duas cozinhas tão diferentes, «ou arranjar um espaço para manter o projeto». A segunda foi a escolha.

Ao *Monky*, um restaurante de comida asiática onde brilham os *Baos*, *Pad Thais* ou o caril, seguiu-se a abertura do *Karpa*, «um restaurante japonês com peixe apenas do Algarve e arroz português». Com a mulher, criou ainda o *The Flower Bar*, mais focado nas refeições leves e do dia a dia, onde todos os pratos têm uma flor associada.

E como se gere tantos projetos e de naturezas tão diferentes? Rui Sequeira não hesita na resposta: «é preciso um trabalho de equipa forte e ter muita confiança nas pessoas

com quem trabalho».

Para o chef, não há dúvidas de que o Algarve tem muito bons profissionais para trabalhar na hotelaria. Na sua opinião, é preciso é que quem os contrata também lhes dê condições e perspetivas de progressão na carreira.

Com quatro projetos consolidados na capital algarvia, Rui Sequeira continua a sentir que «dentro de Faro ainda há muito a fazer». Por isso, abrir conceitos noutras cidades só será uma possibilidade quando «sentir que Faro chegou a um nível gastronómico completamente exponencial».

Aos 31 anos, o jovem chef não tem dúvidas de que «ainda há muito para conquistar» e não esconde que trazer a primeira estrela Michelin para Faro é um objetivo.

«Esse sonho foi crescendo com o Alameda e também tem tudo a ver com o panorama gastronómico da cidade. O Algarve já é uma das regiões do país com mais estrelas Michelin, Faro é a capital e, por isso, não faz sentido que não tenha restaurantes com Estrela Michelin», diz à DOIS, garantindo que é para isso que trabalha todos os dias.

O Alameda fica na Rua da Polícia de Segurança Pública e está aberto para jantares de quinta a segunda-feira e, aos domingos, para almoços e jantares.

As opções à carta custam entre 20 e 30 euros, já o menu de degustação de nove momentos custa 115 euros por pessoa.

Para que fique com um gostinho da cozinha de Rui Sequeira, o chef deixa uma receita de polvo da lota de Olhão com batata-doce e pimentos fumados.

RECEITA

Polvo da lota de Olhão, batata-doce e pimentos fumados



INGREDIENTES

100gr de polvo cozido
200gr de batata-doce
50gr manteiga
20gr massa pimentão
5gr pimentão fumado
300gr caldo de peixe
100gr vinho branco
10gr azeite
20gr alho descascado
50gr natas frescas



PREPARAÇÃO
30 min



TEMPO
1h-2h



PESSOAS
5



DIFICULDADE
Média

MODO DE CONFEÇÃO

1. Asse a batata-doce no forno a 180 graus, deixe arrefecer, retire a pele e reserve
2. Para o molho, coloque numa panela em lume brando o azeite e cozinhe o alho. Cubra com vinho branco e reduza. De seguida, adicione os restantes ingredientes e triture com a ajuda da varinha mágica.
3. Para o empratamento, disponha no fundo do prato a batata-doce assada e cubra com bocados do polvo.
4. Pode decorar com coentros e flores comestíveis. Ao servir, coloque o molho.
5. Sugestão do chef: pode adicionar ovas de Polvo raladas para um sabor mais intenso.



26 - 27 DE JULHO
NOITADA
Portimão 2024

ARTE - LUZ - CULTURA - MÚSICA

ENTRADA
GRATUITA

PALCO CIDADE

26 JUL **HMB - PÂNICO**

27 JUL **PARA SEMPRE - BATEU
MARCO MATOU**

PALCO DA MÓ
BY FADOS AO LUAR

26 JUL **CASA D'AMÁLIA AO VIVO**

JOSÉ GONÇALVES - MARTA ALVES

INÊS GRAÇA - ANA MARQUES

RICARDO MARTINS - BRUNO DAVID
(VIOLA) (GUIT.)

27 JUL **JOÃO LEOTE**

**3 GERAÇÕES DE FADO EM PORTIMÃO:
CREMILDE, LUANA E ADRIANA MARQUES**

PALCO ARADE
BY AC MARGINALIA

26 JUL **DIVINE - GOLD COBRA - PSYCHLES**

27 JUL **CHALICE BWOY & THE JAH ARMY BAND
SLIMMY - LARA GASPAROTTI**

**E MUITOS MAIS ARTISTAS DE RUA, COLECTIVIDADES, ASSOCIAÇÕES ...
SABE TUDO EM WWW.NOITADA.PT**



FESTIVAL DA SARDINHA

PORTIMÃO
2024

- JUL **30** AUREA
- JUL **31** SARA CORREIA
- AGO **1** ANJOS
- AGO **2** RICHIE CAMPBELL
- AGO **3** MARISA LIZ
- AGO **4** DELFINS - 40 ANOS

ESPECIAL

30 DE JULHO

RECREAÇÃO HISTÓRICA

*Sardinha assada no prato e no pão,
Petiscos, Doçaria, Música,
Artesanato, Animação de rua*

**ACESSO
LIVRE**

30 JUL A 4 AGO

• ZONA RIBEIRINHA •



ENCANTUS

A Encantus nasceu pelas mãos de Daniel Batista e da sua mulher, que em plena pandemia começaram a fazer pizzas em casa.

A fila que se fazia à porta da casa do casal crescia a cada semana que passava e o cheiro a pizzas acabadas de fazer satisfazia as delícias de todos os que por ali passavam.

QUARTEIRA, RUA GONÇALO
VELHO 90, BLOCO B, LOJA 8
€€
934 630 001

Ultrapassada aquela que foi a época mais complicada para os negócios, principalmente para os da restauração, Daniel Batista e a mulher tomaram a iniciativa de abrir um espaço físico, onde recebem agora todos os que querem provar as suas pizzas feitas em forno de lenha.

As opções vão desde a napolitana à tradizionale e há ainda lasanha.

A Encantus funciona de segunda a quinta-feira para jantares, das 19h00 às 21h30, e à sexta e sábado entre as 13h00 e as 14h30 e entre as 19h00 e as 22h00.



BLACK AND WHITE

Tostas de banana e manteiga de amendoim, panquecas variadas, bolachas caseiras, iogurte com granola ou cafés de especialidade.

Em Lagos, no Black and White, as cores saem da cozinha para a mesa em todos os pratos ou bebidas.

O espaço foi pensado para servir pequenos-almoços e lanches e por isso funciona das 8h00 às 16h00.

LAGOS, RUA MARREIROS NETTO 40
€€



MAREZIA

Tal como o nome indica, neste restaurante a comida cheira e sabe a mar, não estivesse o Maresia tão perto do habitat natural dos animais que saem da água para o prato.

Apesar de o peixe e marisco serem os protagonistas da ementa, não faltam pratos de carne ou massas.

O Maresia está aberto todos os dias, das 12h00 às 15h00 e das 18h30 às 22h00.

FUZETA, AV. 25 DE ABRIL
€€€
913 006 536

OLHOS DE ÁGUA, ALBUFEIRA,
RUA 25 DE ABRIL, 6°
€€€
289 510 382

CHICA GASTROBAR

Para quem pretende uma refeição de partilha e petiscos de várias partes do mundo, em Olhos de Água existe o Chica Gastrobar.

O espaço é novo e veio para acrescentar mais uma opção de restauração a esta freguesia.

No menu encontramos opções como tábua de queijos e enchidos, *gyozas*, tacos de camarão, *quesadillas* de frango ou *baos*.

O Chica Gastrobar está aberto de segunda-feira a sábado, das 12h00 às 00h00.



O FINALMENTE

Um restaurante familiar, que nasceu na Manta Rota, em 1978, e que tem na cozinha tradicional a sua inspiração. Este restaurante fica mesmo junto à praia, mas o menu é feito à base de produtos que vão da serra ao mar. O Finalmente está aberto do 12h30 às 15h00 ao domingo e entre as 12h00 e as 13h00 e as 19h30 e as 22h00 nos restantes dias. Às quintas-feiras está encerrado.

SILVES, MERCADO MUNICIPAL,
ESTRADA NACIONAL 124
€€
968 187 411



MANTA ROTA , VILA NOVA DE CAELA
€€€
281 952 980

RIVER VIEW ROOFTOP

O último piso do Mercado de Silves ganhou uma nova vida com o River View Rooftop.

Neste espaço, serve-se pequenos-almoços e brunchs, antes das 16h00, e cocktails e bebidas ao longo de todo o dia.

Em alturas específicas o espaço acolhe ainda eventos de música.

LOULÉ, RUI PRIMEIRO
DE DEZEMBRO 38
€€€
935 321 918



OLIWANDERS

Localizado bem no centro de Loulé, este restaurante é ideal para quem procura um conceito diferenciador num espaço acolhedor. *Carpaccio* de beterraba com laranja e frutos secos, Queijo *chèvre* com mel e pistácios no forno ou Punheta de bacalhau são algumas das opções para entradas. Para pratos principais há pregos, bochechas ou filé de pato. No menu não faltam opções vegetarianas.



GEORGINA

“Con molto amore”. É esta a frase que se lê nas caixas de pizza do restaurante italiano “Georgina”. Aberto em 2020, este espaço, onde a cozinha transalpina é rainha e senhora, não tem só pizzas, mas também pastas, como a tradicional carbonara.

Os mentores do restaurante são o casal José Delgado e Isis Cibrario, verdadeiros fãs da pizza napolitana que fazem em forno de lenha.

É esse amor que guia o “Georgina” que tem tanto a opção de comer no restaurante, na zona velha de Albufeira, como take-away.

O nome é também uma homenagem a alguém muito especial: a avó de Isis. As pizzas custam entre 10 a 15 euros.

ALBUFEIRA, AVENIDA 25 DE
ABRIL, 13, 8200-012,
€€,
289 502 256

TINTO

O Tinto é o novo restaurante de Vale do Lobo, com decoração que evoca o ambiente de uma taberna portuguesa, mas também com mesas de refeição mais intimistas. Há um terraço exterior, com vistas sobre o mar.

O menu de 40 petiscos inclui, por exemplo, tiras de choco com maionese de limão e alho, cabrito assado em vinho, uma leve e fresca salada de polvo e um arroz de forno com enchidos tradicionais. As harmonizações com os vinhos locais elevam a experiência de degustação.

Uma boa notícia: as crianças são muito bem-vindas no restaurante Tinto, com um menu especialmente desenvolvido para que também os mais novos possam descobrir algumas das delícias gastronómicas nacionais.

Aberto todos os dias das 12h00 às 23h00.

PRAÇA DE VALE DO LOBO,
€€€€,
289353441, TINTO@VDL.PT



THE ONE

O The One, no Tivoli Carvoeiro, convida quem por lá passa a desfrutar de uma aventura culinária pelos costumes e tradições do Algarve, com um toque de sabores de outras regiões do mundo.

Sabores, texturas e aromas prometem ficar na memória de quem por lá passa.

Os menus do The One são criados mensalmente, com base no que os produtores e pescadores locais fornecem.

O restaurante funciona para jantares, das 19h00 às 22h00.

CARVOEIRO, ESTRADA
DO FAROL, 5,
€€€€,
282 351 100



ALBUFEIRA, PINE
CLIFFS RESORT,
€€€€€

ROHINI

O Rohini by Little Miss India é um dos dois restaurantes pop-up deste Verão do Pine Cliffs Resort, em Albufeira. Oferece uma abordagem à gastronomia tradicional indiana, acompanhada por uma seleção de bebidas e cocktails de assinatura.

Destacam-se, na carta, Kurkure Bhindi (okra frita com farinha de grão-de-bico e especiarias) e Malai Ke Phool (Brócolos cozinhados no tandoori marinados com molho cremoso com caju e queijo), como entrada, para além de uma seleção dos melhores pratos de caril (vegetariano, de frango, de carneiro ou do mar), Biryanis aromáticos e pães feitos no tandoori. Para finalizar esta viagem gastronómica, não poderiam faltar as sobremesas tradicionais indianas tais como Malai Ka Motichur (bolinhos de farinha de grão-de-bico fritos, creme de açafrão e mascarpone) ou Rohini's Gulab Jamun Surprise, com café e cacau.

pure
formosa
CONCEPT HOTEL

Designed for pure relaxation

pureformosa.com

Our Portfolio



hotelcidadedeolhao.com



KUBIDOCE

OLHÃO, EN125, URBANIZAÇÃO VILA FORMOSA, LOTE 114, LOJA 1ª,
KUBIDOCECONFEITARIA@GMAIL.COM,
911 900 117

Nesta pastelaria, vende-se pão com fermentação natural de quinoa, centeio, alentejano, de água ou com nove cereais. Já nos doces não faltam várias sugestões sem glúten e preparadas com açúcar amarelo.

Apesar da inspiração na pastelaria francesa, por lá pode encontrar opções típicas do Algarve, como o doce fino, o Dom Rodrigo ou o reconhecido foliar de Olhão, que, além da versão tradicional, está disponível com os sabores de batata doce com amêndoa e ainda figo, laranja e amêndoa.

Para quem vai à Kubidoce a pensar no brunch ou refeições rápidas não faltam as sandes de pão caseiro, panquecas, waffles, bruschetas e pizzas.

A Kubidoce está aberta de segunda a sexta-feira das 7h30 às 19h00 e ao sábado das 7h00 às 13h00.

Já lá vai o tempo em que era impossível encontrar pastelarias e padarias com opções para todos os gostos e restrições alimentares.

Na Kubidoce, em Olhão, como criatividade não falta, opções variadas também não.



FATACIL

LAGOA

16-25 AGOSTO
2024



16 AGO
OS QUATRO E MEIA



17 AGO
IVANDRO



18 AGO
D.A.M.A



19 AGO
JOÃO PEDRO PAIS



20 AGO
CAROLINA DESLANDES



21 AGO
DAVID CARREIRA



22 AGO
JULINHO KSD



23 AGO
AMÁLIA HOJE



24 AGO
CALEMA



25 AGO
XUTOS & PONTAPÉS



LAGOA

LAGOAacontece



EVENTOS - INICIATIVAS - ATIVIDADES MUNICIPAIS
MUNICIPAL EVENTS SOCIAL MEDIA



SIGA-NOS FOLLOW US
acontece.lagoa



SASSI

Mais compridos, às bolinhas ou em formato de flor, nesta marca de joalheria algarvia há brincos para todos os gostos. A Sassi nasceu em Olhão, mas chega a todo o país pois qualquer produto pode ser encomendado online na página da marca. A Sassi não tem loja física, mas pode encontrá-la por aí, em algumas feiras e mercados.



@SASSI.CLAY.JEWELRY

FARO, RUA GENERAL TEÓFILO
DA TRINDADE 10



BAKIE FARO

Cookie de churros, tri choc, nutella, lotus biscoff, chocolate chips, lima com frutos vermelhos, double chocolate, red velvet e Kinder bueno. As opções são para todos os gostos, basta que seja guloso. A Bakie nasceu há cerca de um ano, em Faro, num pequeno espaço onde é possível encontrar toda esta variedade de bolachas, mas também croissants e bebidas para acompanhar. Quem preferir pode ainda encomendar através do contacto 924063808 ou na plataforma Bolt Food. A Bakie está aberta de segunda sexta-feira, das 11h00 às 19h30, e ao sábado, das 11h00 às 19h00.

ORIGENS

Uma loja dedicada à venda de produtos tradicionais do Algarve, onde não faltam conservas, vinhos, licores, aguardentes, azeitonas, doces e compotas, mas também bolos secos, sabão de barbear, sabonetes artesanais, chás ou ervas aromáticas. A loja foi a primeira em Ferragudo dedicada à venda deste tipo de produtos. A Origens está aberta de segunda a sexta, das 15h00 às 19h00, e ao sábado das 10h00 às 15h00 e das 15h00 às 19h00.

FERRAGUDO, RUA DA HORTINHA,
914 570 363



PORTIMÃO, AVENIDA SÃO JOÃO DE DEUS, MERCADO MUNICIPAL DE PORTIMÃO

PRESUNTARIA DO MERCADO

Presunto 100% bolota, cortado à faca, fornecido pela BEHER, de Espanha diretamente para o Mercado de Portimão.

Nesta banca, o produto estrela pode ser levado para casa ou consumido no local, com um vinho português a acompanhar.

Na Presuntaria do Mercado é ainda possível ter acesso a uma pequena mercearia com produtos gourmet.

A Presuntaria está aberta das 7h00 às 14h00 e das 17h00 às 20h00, de segunda a sexta e ao sábado das 7h00 às 14h00.



FARO, RUA ATAÍDE DE OLIVEIRA, 136A, 935 696 478

FLOWER BAR (FARO)

Um espaço «leve», «com refeições saudáveis» e «onde as pessoas sintam que podem ser criativas» foi o que Cristina quis dar ao The Flower Bar & Coffee Shop.

Tal como o nome indica, neste café podemos encontrar mais do que apenas um sítio para refeições. Há cerâmicas variadas, biquínis da Cristina The Brand e ainda espaço para que outras marcas possam expôr os seus produtos. O The Flower Bar & Coffee Shop funciona das 9h00 às 22h00, de segunda a sábado, e ao domingo das 9h00 às 19h30.



1 + 1

1 + 1 é a soma de um escultor e uma pintora que resultou... num atelier de olaria e loja de artesanato.

Este espaço, que se situa perto da Câmara de Portimão, nasceu em Abril de 2019 e nele é possível comprar vários tipos de cerâmica.

O casal Francisco Copeto e Paula Cristina abandonou o ensino – ambos eram professores de Educação Visual e Tecnológica, em Portimão – para se dedicarem a este sonho.

Pratos, jarras, copos, chávenas, mas também candeeiros – no atelier “1 + 1” há escolhas para todos os gostos.

Em comum, todas as peças têm a originalidade e o carinho deste casal que, mesmo durante a pandemia, nunca deixou de trabalhar e de se dar a conhecer.

PORTIMÃO, TRAVESSA DOS CALDEIREIROS, 5, 966 506 055



QRIAR

INCUBADORA CRIATIVA
DO ALGARVE

Qriar oportunidades para investir e empreender no Interior

A QRIAR é a marca da Cooperativa QRER dedicada à dinamização do empreendedorismo nos territórios de baixa densidade do Algarve, dispondo de serviços para empresas e empreendedores que pretendam investir e fixar-se nestas localidades.

Os espaços de *coworking* da QRIAR são ideais para quem procura um local de trabalho de curta ou longa duração, em ambientes tranquilos, fora do meio urbano.



- **Querença, Loulé**
Sala de Coworking
e espaço de reuniões
Sede da Cooperativa QRER



- **Tôr, Loulé**
Sala de Coworking
e oficina polivalente
Edifício da Junta
de Freguesia de Tôr

- **Alcoutim**
Sala de Coworking
e oficina polivalente
Castelo de Alcoutim



SERVIÇOS EMPRESARIAIS DA QRIAR:

- CANDIDATURAS A FINANCIAMENTOS, FUNDOS EUROPEUS E OUTROS APOIOS AO INVESTIMENTO, ESPECIALMENTE PARA PROJETOS NO INTERIOR
- DOMICILIAÇÃO DA SEDE FISCAL E SERVIÇOS DE ESCRITÓRIO VIRTUAL
- ESPAÇOS DE COWORKING NO INTERIOR DO ALGARVE

MAIS INFORMAÇÕES EM www.qriar.pt | info@qrer.pt | [@qriar](https://www.facebook.com/qriar)  

PROMOTOR



PARCEIROS





ALGARVE
WALKING
SEASON

Algarve, uma região para caminhar todo o ano.

algarvewalkingseason.com

@algarvewalkingseason  

O AWS é um projeto de promoção conjunta e articulada de cinco festivais de caminhadas realizados no interior do Algarve, com base na valorização do território, dos seus recursos e património natural e cultural, assim como das suas comunidades.

2025

FESTIVAL DE CAMINHADAS DE STA BÁRBARA DE NEXE FARO [NOVIDADE]
07 > 09 fevereiro

FESTIVAL CAMINHEIROS FESTIVAL DE CAMINHADAS DE ALCOUTIM E SANLÚCAR DE GUADIANA
07 > 09 março
cm-alcoutim.pt

FESTIVAL DE CAMINHADAS DO AMEIXIAL LOULÉ
24 > 27 abril
wfameixial.pt


WALK & ART FEST
BARÃO DE SÃO JOÃO

WALK & ART FEST
BARÃO DE S. JOÃO, LAGOS
01 > 03 NOVEMBRO 2024
Almargem & CM Lagos
walkartfest.pt



FESTIVAL DE CAMINHADAS DE MONCHIQUE
29 NOVEMBRO > 01 DEZEMBRO 2024
CM Monchique
festivalcaminhadasmonchique.pt

FESTIVAL DE CAMINHADAS
MONCHIQUE
WALKING FESTIVAL



APOIO E FINANCIAMENTO



COORDENAÇÃO



PARCEIROS



LAIIVOS

Nasceu para juntar a gastronomia local ao turismo e à investigação. O projeto dedica-se à confeção de doces, bombons, trufas, bolos e tartes, que podem ser consumidos e comprados na Laivos, que abriu um Centro Gastronómico e Cultural em Querença. Para este espaço, que «é muito mais do que um café», Ivani Farias tem ainda planeado receber outras iniciativas, todas com o objetivo de «enriquecer o património cultural e imaterial do Algarve», desde workshops a eventos culturais. O espaço encerra à quarta-feira.



QUERENÇA, LARGO DA IGREJA,
ABERTO DAS 10H00 ÀS 18H00

MARTIM LONGO, FLOR DA AGULHA,
281 498 251

FLOR DA AGULHA

No concelho de Alcoutim, o artesanato continua bem presente – e há quem trabalhe para que certos costumes e técnicas não se percam.

É o caso de quem continua a fazer as tradicionais bonecas de juta, que simbolizam figuras típicas da região. Feitas de serrapilheira, com o corpo armado em estrutura de arame, estas bonecas têm linho nas cabeleiras e chitas no vestuário. Os adornos, que caracterizam a atividade que representam, são miniaturas feitas em metal, madeira ou barro.



São Brás de Alportel
...viver sabe bem!

www.cm-sbras.pt
www.visitsaobrasalportel.pt

PUBLICIDADE

história
natureza
tradição
gastronomia



Messinagro

Agricultura · Jardinagem · Petfood

A dar vida à sua terra

Desde 1998

FARO · MESSINES · TAVIRA · SÃO TEOTÓNIO

MESSINAGRO.PT

GERAL@MESSINAGRO.PT

289 815 270*

*Custo de chamada para rede fixa nacional



HERDADE D'AMOREIRA

Tal como o nome indica, este alojamento fica localizado numa herdade, onde podemos encontrar quatro tipologias de casas.

ALJEZUR, ESTRADA PRAIA DA AMOREIRA, 936 300 654



Na Rosmaninho Villa (um quarto) os preços começam nos 135 euros, a Jasmin Villa, Alecrim Villa e Lavanda Villa tem dois quartos e os preços começam nos 185 euros.

Os alojamentos têm acesso à piscina, jardim, terraço e vista para a montanha e dispõem de um frigorífico, micro-ondas, máquina de café, placa de fogão e chaleira.

QUINTA DO MARCO

Um hotel que nasceu na serra algarvia e conjuga modernidade com ruralidade: assim é a Quinta do Marco, em Tavira.

Localizado numa propriedade com 18 hectares, este sítio está rodeado de natureza e por isso convida todos os hóspedes a desfrutar dessa ruralidade, quer seja através da horta pedagógica ou da pequena quinta.

Este hotel dispõe ainda de piscina exterior, de água tratada a sal, bar e spa, com sauna e banho turco.

Uma noite para dois adultos tem preços a partir dos 140 euros.

TAVIRA, SÍTIO DO MARCO,
632A, 281 971 500



MONCHIQUE, CORTE PEREIRO,
8550-257, 282 910 110



VILAFOIA MONCHIQUE

Construído na serra de Monchique, o Vilafoia é o sítio ideal para desfrutar da calma da natureza. O hotel é composto por Quartos Duplos, Familiares e Estúdios com varanda privada.

Além de poderem usufruir do jacuzzi, massagens ou aulas de ioga, os hóspedes podem ainda apreciar a vista para a serra de Monchique e mergulhar na piscina exterior,

A estadia inclui pequeno almoço. Uma noite no Vilafoia pode custar a partir de 120 euros.

PUBLICIDADE

Festival do Marisco

OLHÃO 2024

10 a 14 de Agosto

JARDIM PESCADOR OLHANENSE

BILHETE DIÁRIO	BILHETE SEMANAL
ADULTO 10€	ADULTO 45€
CRIANÇA 5€	CRIANÇA 22,5€
CRIANÇAS DOS 7 AOS 12 ANOS	CRIANÇAS DOS 7 AOS 12 ANOS
	VENDA EXCLUSIVA NO SITE DA TICKETLINE
	ATÉ DIA 9 DE AGOSTO

CRIANÇAS ATÉ AOS 6 ANOS NÃO PAGAM BILHETE, DESDE QUE ACOMPANHADAS POR UM ADULTO.



CALEMA
DIA 10



ANA MOURA
DIA 11



PLUTÓNIO
DIA 12



DIOGO PIÇARRA
DIA 13



MANINHO
DIA 14

SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS PARA MAIS NOVIDADES...

OSEU Olhão fesnima

CASTRO MARIM,
FERNÃO GIL 8950-326,
966 914 944

NATUR AMÊNDOA, CASTRO MARIM

Para quem procura estar longe da confusão, mas, ao mesmo tempo, relativamente perto da praia, o Natur Amêndoa é o alojamento ideal. Localizado a 37 quilómetros da Ilha de Tavira, este alojamento dispõe de vários quartos, jardim, sala partilhada e piscina com vista para a serra.

Quem quiser aproveitar a estadia para fazer algumas atividades pode ainda optar pelas caminhadas na área circundante ou pelo Campo de Golfe Monte Rei, que fica a 21 quilómetros.

Uma noite para dois adultos custa a partir de 155 euros.



ODECEIXE, RUA 25 DE
ABRIL, N.º 113, 8670-
320, 282 949 266



WILD VIEW RETREAT

Com vista para a Serra do Caldeirão, no Wild View Retreat a yoga e o fitness ganham destaque.

Este é o espaço ideal para quem procura total conexão com a natureza, já que à volta não há estradas nem outras casas.

A ideia é que quem usufrui deste alojamento possa ter acesso a um programa de “desintoxicação para restaurar a saúde e o equilíbrio”.

No Wild View Retreat há aulas de ioga e fitness, refeições nutritivas ou jejum de especialistas, terapia nutricional, caminhadas guiadas, massagem, meditação suave e natação.

SÃO BRÁS DE ALPORTEL,
RUA DA CORTIÇA, 8150-014,
289 011 384

CASAS DO MOINHO

Um Moinho deu nome a estas casas que servem de alojamento a muitos que se querem instalar na Costa Vicentina e perto das suas praias.

Neste alojamento em Odeceixe, onde algumas “casas” possuem uma cozinha totalmente equipada e uma área de refeições, os hóspedes podem ainda desfrutar da piscina exterior e reservar a utilização da banheira de hidromassagem e serviços de massagem.

Para refeições e bebidas, os hóspedes nas Casas Do Moinho podem ainda optar pelo Restaurante Altinho - Tapas & Petiscos - Bistrô, no local, ou visitar os restaurantes e bares de Odeceixe, a cerca de 10 minutos a pé.

Nas Casas do Moinho fica ainda instalado o restaurante Naperon, do chef Hugo Nascimento.

Uma noite custa a partir de 160 euros.





ALJEZUR, PRAIA DA ARRIFANA,
FALESIAS.ARRIFANA7@GMAIL.COM,
925 563 019

CASAS DE CAMPO FALÉSIAS DA ARRIFANA

As casas de Campo - Falésias da Arrifana estão situadas na aldeia piscatória da Arrifana, em pleno Parque Natural da Costa Vicentina, no concelho de Aljezur. A sul, tem vistas para a baía da Arrifana e praia do Vale Figueiras até ao Pontal da Carrapateira, e, a norte, para o campo e para os montes e vales cobertos de vegetação autóctone.

Estas casas são a escolha perfeita para os aficionados da natureza, do mar, da praia, dos desportos náuticos e dos passeios pedestres.

O refúgio dá para casais e famílias que procurem o contacto com o mar e com a natureza.

PUBLICIDADE

ESPECTÁCULOS NO PARQUE DO PALÁCIO
SÉRGIO GODINHO & OS ASSESSORES
"LIBERDADE25" CONVIDAM
A GAROTA NÃO
24 JULHO

DAVID FONSECA "STILL25"
07 AGOSTO

CRISTINA BRANCO
"MÃE"
21 AGOSTO

CENAS NA RUA
06 A 14 JULHO

ANIMAÇÃO NA
PRAÇA DA REPÚBLICA
JULHO A AGOSTO

JAZZ EM TAVIRA
18 A 21 JULHO

MOSTRAS DE CINEMA
18 JULHO A 18 AGOSTO

VERÃO EM
TAVIRA 24

FEIRA DA DIETA MEDITERRÂNICA
05 A 08 SETEMBRO

DIETA MEDITERRÂNICA

município
tavira

tavira.pt





CATAPLANA COM TODOS

Para dar a conhecer as funcionalidades de um dos mais icónicos utensílios da gastronomia algarvia, a Tertúlia Algarvia criou o programa "Cataplana com Todos".

FARO, PRAÇA DOM AFONSO III,
15, 8000 - 167, 289 821 044



Nesta experiência, os participantes são convidados a conhecer não só o utensílio como a aprender a fazer as receitas que nele se confeccionam.

A atividade tem duas vertentes: "Do Mercado à Mesa" ou "Da Cozinha à mesa".

Na primeira, os participantes podem também ter a experiência de uma ida ao mercado e aprender a escolher os melhores produtos.

O programa é pensado para grupos e pode ser reservado através do e-mail info@tertulia-algarvia.pt.

MUSEU DE VILA DO BISPO

É uma das mais recentes estruturas museológicas do Algarve e nasceu num antigo celeiro, por isso se chama Museu de Vila do Bispo - Celeiro da História.

Aqui estão expostas mós de diversos períodos, desde a Pré-História, mas também outras peças que contam 400 milhões de anos de histórias deste território.

Neste espaço, que inclui uma narrativa expositiva-interpretativa acerca da herança coletiva do concelho, fala-se da fundação geológica, dos vestígios culturais de presença humana identificados pela Arqueologia, da história e dos acontecimentos e personagens, da Arqueologia Subaquática dos naufrágios e das batalhas navais e da Biodiversidade Local.

O Museu de Vila do Bispo está aberto de terça-feira a domingo, das 10h00 às 18h00.

O bilhete normal custa 5 euros.



VILA DO BISPO,
SÍTIO DAS EIRAS, 8650-405

PUBLICIDADE



ÁGUA É VIDA

Reduza o seu consumo
Todas as gotas contam



Info:
portaldaagua.pt

FARO, RUA COMANDANTE FRANCISCO
MANUEL, 8000 - 250, 289 890 920

CENTRO CIÊNCIA VIVA DO ALGARVE - FARO

No Centro Ciência Viva de Faro, a atração principal é o apalpário, tanque onde os visitantes podem tocar espécies típicas da costa algarvia e da Ria Formosa.

Este Centro interativo, dedicado ao mar, foi o primeiro da Rede Nacional de Centros Ciência Viva a abrir as portas, em 1997.

Aqui os visitantes podem encontrar uma área expositiva ocupada por aquários e salas dedicadas à física e à química da luz, ao cérebro e aos sentidos.

A ciência ocupa o jardim com módulos sobre energia, uma estufa tecnológica e uma açoteia com vista para a Ria Formosa.

O CCV Faro está aberto de terça-feira a domingo, entre as 10h00 e as 13h00 e as 14h00 e as 18h00.



FARO, RUA DO PRIOR 13, 8000-301,
GAMARAMAGALLERY@GMAIL.COM

GAMA RAMA

É uma galeria, mas é também um espaço de cowork e um sítio onde se realizam eventos e workshops.

Criado para facilitar a colaboração de artistas de diferentes áreas, que vão desde a pintura à ilustração, passando pela cerâmica e joelheria, este estúdio no centro da cidade de Faro conta com quatro estúdios um espaço para eventos e ainda um local onde se podem comprar peças únicas e de autor.

A Gama Rama está aberta de terça a sexta-feira, das 11h00 às 17h00, e ao sábado das 11h00 às 14h00.



OUTDOOR ADVENTURE

Para quem procura um programa mais radical, a Outdoor Adventure conta com várias opções.

Além das festas de aniversários, despedidas de solteiro, atividades com escolas e empresas, basta que junte um grupo e pode ter acesso ao paintball, escalada, Rapel, Arco e Flecha, passeios pedestres, entre outras possibilidades.

TÔR, CAMINHO DO CERRO DOS
PASSARINHOS, 965 830 005,
OUTDOORADVENTUREALGARVE@GMAIL.COM



MIRADOURO DO CASTELO DE ALFERCE

Uma vista privilegiada sobre os montes da serra de Monchique, a barragem de Odelouca e o litoral do Barlavento Algarvio é o que oferece o Miradouro do Castelo de Alferce, inaugurado no início deste ano.

A valência integra a obra de valorização de todo o cerro do Castelo de Alferce, onde têm estado a decorrer, desde 2020, escavações arqueológicas.

O Miradouro do Castelo de Alferce surge ainda na sequência do Centro Interpretativo do Cerro do Castelo do Alferce e do Passadiço do Barrando do Demo.



THE KITCHEN

No centro histórico da cidade de Lagos, nasceu o The Kitchen, um espaço onde poderá ter aulas de culinária portuguesa (e não só), mas também um *supper club*, *workshops*, gravação de *podcasts* ou vídeo e sessões fotográficas. O principal objetivo do projeto é conectar turistas e residentes à volta dos tachos.

As atividades podem ser consultadas na página de Instagram do projeto.

LAGOS, TRAVESSA SRA. DA GRAÇA N.º 2,
HELLO@THEKITCHENBYEATATLOCALS.COM,
916 496 488



PUBLICIDADE

Alcouthim

Um Algarve por Explorar

www.cm-alcouthim.pt
facebook.com/cmalcouthim/
geral@cm-alcouthim.pt

CENTRO INTERPRETATIVO DO SALVA-VIDAS DE ALVOR

Quem quer conhecer mais da história da Freguesia de Alvor, no concelho de Portimão, pode agora visitar o Centro Interpretativo do Salva-vidas, inaugurado em Dezembro do ano passado.

Um dos principais pontos de interesse do centro interpretativo é o antigo salva-vidas “Alvor”, de grande importância para os pescadores da terra desde que entrou em funcionamento no ano de 1933.

O Centro está aberto de terça-feira a sábado entre as 10h00 e as 13h00 e as 13h30 e 16h30.



ALVOR, RUA VASCO DA GAMA
62, 8500-023



MONTE DA SEICEIRA,
AMEIXIAL, 8100-050

ESPELHO DE ÁGUA DA FONTE DA SEICEIRA

Ir ao Ameixial, em pleno Verão, talvez não seja, à primeira vista, o melhor dos planos. A aldeia, do interior do concelho de Loulé, facilmente atinge temperaturas tórridas... mas há um segredo, à espera de ser descoberta, que pode alterar tudo.

O espelho de água da Fonte da Seiceira é uma alternativa para fugir às praias algarvias muito concorridas durante o Verão no Algarve.

Esta foi uma das obras vencedoras do Orçamento Participativo de Loulé. Além da fonte, há também um parque de merendas que convida a fazer um piquenique em família, nomeadamente no 1º de Maio.

Para se chegar à Fonte da Seiceira, é seguir a Estrada Nacional 2, até chegar ao quilómetro 687. Depois, é desfrutar.

Cestaria

BISTRO DE ARTESÃO

PUBLICIDADE

UM ESPAÇO COM P(ALMA) ALGARVIA

Av. 5 de Outubro 102, 8700-304 Olhão



www.cestariabistro.pt

geral@cestariabistro.pt

(+351) 912 349 590



Cozinha natural, saudável e cheia de sabor.



☎ 289 705 269
📍 Av. 5 de Outubro 160,
8700-304 Olhão



HOLA TORITO
RESTAURANTE MEXICANO

**NUESTRA CASA
ES SU CASA**

Os verdadeiros sabores mexicanos estão à tua espera. Prepara-te para surpreender o teu paladar. Arribaaa!



☎ 289 704 343
📍 Av. 5 de Outubro 156,
8700-304 Olhão

ROTA DOS VINHOS DO ALGARVE

Afirmar o Algarve no panorama das regiões vitivinícolas nacionais é um dos principais objetivos da Rota dos Vinhos do Algarve, agora chamada Algarve Wine Tourism.

Este é um projeto que pretende guiar o visitante pelo território, promovendo a desco-berta do vinho da região, dos seus produtores e da riqueza e diversidade do território.

Da Rota dos Vinhos do Algarve fazem parte vários produtores.



ALGARVEWINETOURISM.PT



POSTIGO

A zona histórica da cidade de Loulé tem, sem dúvida, muitos encantos.

Quem por lá passa não pode deixar de visitar locais como os Banhos Islâmicos, as Bicas, o Mercado ou a Igreja Matriz.

Mas, além destes, em cada canto há também cafés e lojas com muita história e alma louletana: o Postigo é um deles.

É nesta taberna familiar que desde 2019 se juntam locais e turistas, de várias faixas etárias, para desfrutar dos petiscos ou das bebidas.



LOULÉ, RUA 9 DE ABRIL

PASSADIÇO DE ARMAÇÃO DE PÊRA

Há um novo passadiço a convidar para boas caminhadas à beira-mar. Trata-se da estrutura, em madeira, que liga a praia dos Pescadores, em Armação de Pêra (no seu extremo nascente), à Praia Grande e à ribeira dos Salgados, atravessando por cima do troço final da ribeira de Alcantarilha e dos seus sapais.

O percurso, com 3,5 quilómetros, integra-se na Ecovia do Litoral que cruza (quase) todo o Algarve, de ponta a ponta e se destina a quem anda de bicicleta.

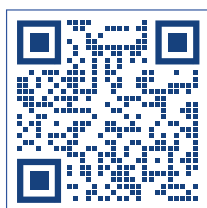
Ao longo do passadiço, dá para ver o mar, as dunas, as aves aquáticas, a vegetação rica e diferente ou, simplesmente, para respirar ar puro, carregado de sal.





TODOS OS SEGREDOS DE FARO NUM SÓ LUGAR!

MUSEU MULTIMÉDIA



Mais informação aqui:
farostoryspot.pt



Apresente esta revista na compra do seu bilhete e nós oferecemos uma fotografia de recordação da sua visita!

(Válido até maio de 2025. Uma revista por pessoa. Não acumulável com outras promoções.)



@farostoryspot

*Temos condições especiais para entidades.
Envie email para info@farostoryspot.pt

ETIC_Algarve. Outra perspetiva do ensino.



eticalgarve.com

Aprende, a praticar.

**DESIGN · FOTOGRAFIA
SOM E MÚSICA · VIDEOJOGOS
VÍDEO · WEB E COMUNICAÇÃO**